

O CAMINHO DE UMA PROFECIA DE DOM BOSCO

Os Salesianos Cooperadores





G. BUCCELLATO – P. SANTONI – M. WIRTH

O CAMINHO DE UMA PROFECIA DE DOM BOSCO

Os Salesianos Cooperadores

Tradução
D. Hilário Moser



2015 © G. Buccellato, P. Santoni, M. Wirth

Título original: *Il cammino di una profezia. Storia dei Salesiani Cooperatori dalle origini alle soglie del Concilio.*

Editrice Elledici, Turim 2015.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B 918 Buccellato, G.

O Caminho de uma Profecia de Dom Bosco - Os Salesianos Cooperadores. -- Brasília, DF : EDB, 2015.

ISBN: 978-85-5536-078-7

1. Cooperadores. 2. Pastoral 3. Assistência Religiosa 4. Bosco, João, Santo, 1815-1888-Ensinaamentos. I Título

CDD 258

Revisão: Cristina Kapór

Diagramação: Helkton Gomes

EDB - Editora Dom Bosco
SHCS CR Quadra 506, Bloco B, Sala 65
Asa Sul, 70350-325, Brasília-DF
Fone: (61) 3214-2300
atendimento@edb.org.br
www.edbbrasil.org.br

Sumário

Apresentação	
Noemi Bertola - Coord. Mundial dos SSCC	7
Introdução	
Paolo Santoni SC	10
1. As origens	
Giuseppe Buccellato SDB	15
2. O caminho de uma ideia	
Giuseppe Buccellato SDB	29
3. A consolidação da Associação até 1888	
Morand Wirth SDB	45
4. Os Salesianos Cooperadores de 1888 até 1965	
Morand Wirth SDB	50
5. A palavra de Dom Bosco	
Paolo Santoni SC	68
Conclusão	
Giuseppe Buccellato SDB	82

Apêndice	
O Regulamento de 1876	85
Bibliografia	95
Os Autores.....	96

Apresentação

Noemi Bertola

Coordenadora Mundial dos SSSC

Ao apresentar este pequeno volume, nascido da iniciativa de um grupo de Salesianos Cooperadores, ajudados por dois generosos peritos salesianos, veio-me à mente uma expressão de Cícero que definia a história desse modo: “A história é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, o mensageiro da antiguidade”. Sabemos que Cícero continua muito atual!

De fato, penso que esta singela e prática publicação pode ajudar-nos a conhecer um pouco melhor as origens da nossa Associação: desde a “grande ideia” de Dom Bosco até o apreço de tantos Papas, desde as primeiras figuras de benfeitores e cooperadores até a confirmação do conceito profético de Dom Bosco a respeito da importância dos leigos, sancionada pelo Concílio Vaticano II e pela *Christifideles Laici* de João Paulo II.

Neste ano, em que a Igreja, junto com todo o mundo salesiano, tem a alegria de honrar o Santo dos jovens no

bicentenário do seu nascimento, o dom deste pequeno volume é o sinal do afeto que os Salesianos Cooperadores da Região Itália, Oriente Médio e Malta nutrem para com Dom Bosco e do interesse que demonstram para conhecer e reconhecer as próprias raízes a fim de viver em plenitude o presente e projetar com entusiasmo o futuro.

A Família Salesiana sempre conservou com cuidado e paixão os documentos das origens porque são fonte de inspiração e de certeza de estar respondendo a um carisma do Espírito Santo. Os Salesianos Cooperadores, em cada centro e nas províncias, guardaram arquivos, programas, relatórios de suas atividades, testemunhando ao longo do tempo a sua generosidade, o apego ao serviço *com e para* os jovens, a convicção de que mediante o seu apostolado percorriam um caminho de santidade, como profetizou Dom Bosco.

Faço votos para que este primeiro empenho de pesquisa e de aprofundamento seja seguido de outros, a fim de que a riqueza espiritual e de testemunho que podemos encontrar no serviço desenvolvido por tantos Salesianos Cooperadores que nos precederam sirva, não somente como estímulo para trabalhar sempre mais e melhor em favor dos nossos jovens, mas também nos torne orgulhosos de pertencer a uma Associação de pessoas simples e

coerentes que, apesar das muitas vicissitudes a superar, são fiéis a um “sonho” que no tempo se tornou realidade tangível.

Este é o tempo em que nós, Salesianos Cooperadores do terceiro milênio, haurindo inspiração desta preciosa herança, somos chamados a escrever novas páginas, permanecendo fiéis à espiritualidade salesiana, feita de oração e ação, percorrendo na Igreja de hoje o caminho de santidade traçado por Dom Bosco, coerentes com a nossa missão de caridade para com nossos irmãos menores e fracos, procurando ver em cada um deles o rosto de Cristo.

Com afeto fraterno, desejo a todos uma boa leitura e um santo ano bicentenário do nosso amado Fundador.

Introdução

Paolo Santoni SC

O caminho de uma grande ideia. Este é o título que, mais de meio século atrás, o Pe. Guido Favini, precisamente no limiar do Concílio Vaticano II, quis dar a um pequeno volume que narrava a história e a vida da Associação dos Salesianos Cooperadores.

Hoje, à luz das conclusões do Concílio e da Exortação Apostólica de João Paulo II *Christifideles Laici*, o caminho intuído e traçado por Dom Bosco se nos apresenta sempre mais como uma autêntica profecia: *leigos e eclesiásticos juntos para a salvação da juventude periclitante...* Esta é a razão que nos levou a escrever novamente, à luz de uma sensibilidade renovada e por ocasião do bicentenário do nascimento do Fundador, uma nova história dos Salesianos Cooperadores.

Esta ideia, nascida em junho de 2011, teve um desenvolvimento gradual. O projeto originário era o de fazer escrever a história dos Salesianos Cooperadores particularmente em relação à Região Itália por uma equipe de

leigos, em colaboração com o Arquivo Central Salesiano de Roma. Ela pôs imediatamente mãos à obra, mas depois de um percurso certamente útil e frutuoso de consulta das fontes, a necessidade de ter que respeitar algumas etapas obrigou aqueles primeiros quatro “cireneus”, que de repente tiveram que improvisar um tipo de trabalho próprio de pesquisadores, a desistir da empresa, embora seu trabalho seja um valioso ponto de referência e um percurso de amadurecimento certamente útil.

Dessa forma, a ideia originária foi modificada e se recorreu a dois “peritos” de história e espiritualidade salesiana, mas também “importunando” Dom Bosco em pessoa ao revisitar algumas das suas conferências feitas aos primeiros Cooperadores; assim nasceu este opúsculo.

Se procurarmos o significado e os objetivos desta pequena publicação, antes de tudo devemos considerá-la como um dom que a *Comissão Regional Itália, Oriente Médio e Malta* da nossa Associação oferece à Família Salesiana por ocasião do bicentenário do nascimento do nosso Fundador. Outro objetivo é o de fazer conhecer a sua história aos próprios Salesianos Cooperadores, que são os primeiros destinatários de uma obra literária simples e acessível, que certamente os ajudará a compreender as próprias origens associativas e particularmente a projetar o futuro rumo ao qual se há de caminhar.

Outros destinatários da obra são as Igrejas locais, em particular os Bispos diocesanos da Itália e os seus Auxiliares. A sugestão seria a de apresentar-lhes a nossa história no âmbito de uma audiência que os Conselhos locais da Associação, que atuam na diocese, poderiam pedir ao próprio Bispo. Seria um modo de dar-nos a conhecer e pôr-nos a serviço dos nossos Pastores.

Finalmente, destinatários deste texto são todos os que querem conhecer mais de perto a nossa Associação e a gênese histórica que ela teve através dos tempos, em particular os Salesianos de Dom Bosco e as Filhas de Maria Auxiliadora, a quem é confiada a possibilidade de atuar a extraordinária profecia do Fundador.

Na elaboração da obra, nosso desejo foi o de pôr à disposição um texto legível e livre do peso de notas ao pé da página, mas certamente documentado e rigorosamente histórico (ver bibliografia anexa); quem desejar aprofundar o assunto, ao consultar a bibliografia terá uma visão mais ampla e documentada da nossa história.

Quanto à estrutura geral do texto, divide-se em cinco capítulos. O primeiro, intitulado *As origens*, trata dos primeiros passos e da gênese histórica do envolvimento e do empenho dos leigos em algumas congregações religiosas, partindo das ideias primigênicas de alguns homens de Igreja dos inícios dos anos oitocentos, e de como Dom Bosco

fez próprio o projeto de envolvimento de leigos no trabalho social, rodeando-se de pessoas que se empenhavam, não só em ajudar economicamente, mas de modo particular em estar à frente das suas primeiras obras.

O capítulo segundo, *O caminho de uma ideia*, traça o desenvolvimento da visão primordial e profética de Dom Bosco de fundar uma Congregação ou Sociedade composta de clérigos e de leigos, relatando todas as vicissitudes e renúncias que Dom Bosco teve que enfrentar nesta matéria e no diálogo com as autoridades eclesiásticas, até a aprovação definitiva da *Sociedade de São Francisco de Sales* em 1874 e da *Pia União dos Cooperadores Salesianos* em 1876. De fato, sua ideia de fundar uma única Sociedade composta de leigos e de eclesiásticos era demais inovadora para o ambiente eclesial do seu tempo.

O terceiro e o quarto capítulos, *A consolidação da Associação até 1888* e *Os Salesianos Cooperadores de 1888 até 1965*, desenvolvem respectivamente as linhas gerais do percurso histórico e o caminho da nossa Associação até o ano da morte de Dom Bosco e, depois, até o Concílio Vaticano II, em termos de crescimento quantitativo e qualitativo durante os reitorados do Pe. Rua até o do Pe. Ziggiotti.

O quinto capítulo, *A palavra de Dom Bosco*, apresenta alguns fragmentos das suas conferências aos Salesianos Cooperadores, seu pensamento, suas palavras, seu estilo

catalizador, que ele sabia pôr em ação nas reuniões anuais, das quais participavam pessoas associadas, bem como outras que Dom Bosco sensibilizava para as urgências dos jovens em dificuldade.

Finalmente, no *Apêndice*, quisemos acrescentar o primeiro Regulamento dos Salesianos Cooperadores de 1876, escrito pelo próprio Dom Bosco; de fato, não podíamos eximir-nos de publicar um texto histórico que constitui o “documento de base” da nossa Associação.

É nosso dever agradecer, não somente aos autores, mas a todos os que participaram de alguma forma da composição deste pequeno volume, em particular ao salesiano Pe. Luís Cei, diretor do *Arquivo Central Salesiano*, e aos quatro “citreus” Felipe Gugliara, Heitor Talarico, Mário Tollot e Daniel Tuzzolo, Salesianos Cooperadores, que abriram o caminho mediante sua inicial e preciosa colaboração.

Temos firme esperança de que este pequeno volume, no magnífico clima do bicentenário do nascimento de Dom Bosco (1815-1888), contribua para tornar conhecido *o caminho de uma profecia* e o nosso perene e vivo espírito laical, apostólico e salesiano.

Roma, 31 de janeiro de 2015

1. As origens

Giuseppe Buccellato SDB

Qualquer pessoa, mesmo vivendo no mundo, na própria casa, na própria família, pode pertencer à nossa Sociedade (Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales, 1860).

Desde os inícios da sua obra em favor da educação cristã da juventude, Dom Bosco soube criar em torno de si um movimento espiritual e apostólico que, na sua consciência, já era, pelo menos em germe, a Sociedade de São Francisco de Sales.

Esse projeto, que em pouco tempo adquiriu proporções relevantes, envolve jovens, clérigos, sacerdotes e leigos, num único *movimento espiritual*; uma realidade complexa e só aparentemente não diferenciada, sob muitos aspectos *profética*, que suscitou algumas perplexidades em alguns observadores externos.

Numa carta escrita em 1868, vinte e dois anos depois que Dom Bosco se fixou definitivamente em Valdocco, dirigida à Sagrada Congregação dos Bispos e dos Religio-

sos, o então Arcebispo de Turim, D. Alexandre Riccardi, assim exprime suas perplexidades em relação a uma obra que certamente não correspondia aos “cânones” das congregações religiosas de então: “Não dá para compreender – ele afirma – aonde irá dar uma congregação composta de elementos tão disparatados e que não podem ter unidade de objetivo. O Colégio de Turim [= Oratório] já agora é um caos; vivem ali misturados aprendizes, estudantes, leigos, clérigos e sacerdotes; e ficará ainda pior, à medida que for ampliando sua esfera de ação”.

Portanto, esta singular convivência de leigos e eclesiásticos parece representar um elemento característico de originalidade desde o início da obra salesiana.

Entretanto, a gênese e o desenvolvimento do vasto movimento espiritual que tem sua origem em Dom Bosco apresenta-se em continuidade com a formação recebida no Colégio Eclesiástico de Turim, a escola para jovens presbíteros que, por inspiração do Venerável Pio Bruno Lanteri, nasceu nos ambientes do velho convento anexo à igreja de São Francisco de Assis.

Dom Bosco permanecerá no Colégio Eclesiástico por três anos, sob a guia do seu diretor espiritual, São José Cafasso; no verão de 1844, quando ele deixar essa preciosa instituição eclesiástica, a sua formação humana e espiritual carregará para sempre uma marca indelével.

O idealizador do Colégio, o Pe. Pio Bruno Lanteri, fundador da Congregação dos Oblatos de Maria Virgem, fora discípulo do jesuíta suíço Pe. Nicolau von Diessbach, grande apreciador e propagador na Europa da obra de Santo Afonso. Na sua luta contra uma visão de um cristianismo rígido e “rigorista”, Diessbach criou uma forma de apostolado na qual os leigos desempenhavam uma função fundamental. De fato, a difusão da *boa imprensa* era confiada a grupos secretos de homens de boa vontade, congregados em associações que traziam o nome de *Amizades cristãs*.

Os “membros externos” da Congregação dos Oblatos de Maria Virgem

Pio Bruno Lanteri (1759-1830) intuiu o alcance e as características do embate cultural que ocorria entre os católicos e os inimigos da religião. Compreendeu que a Revolução Francesa fora a consequência de uma longa elaboração cultural que se prolongou durante os anos setecentos, graças ao movimento iluminista que tinha modificado as tendências e as ideias de uma parte consistente da população. A Revolução encontrou na França uma Igreja ferida e enfraquecida pelas divisões e pelas dúvidas, após a difusão da heresia jansenista, com o seu rigorismo moral e sacramental.

Nas pegadas de Diessbach, Bruno procura envolver os leigos na ação de “reconquista cultural” da sociedade, usando como instrumento privilegiado de apostolado a difusão do livro em todos os ambientes, mediante a leitura, o estudo e o exame de cada uma das obras nas diversas classes sociais. Em 1816, quando funda a Congregação dos *Oblatos de Maria Virgem*, ele prevê nas Constituições a presença dos assim chamados *membros externos*.

Este conceito e esta terminologia serão retomados por Dom Bosco que, na redação das Constituições da *Sociedade de São Francisco de Sales*, iniciada em 1858, usará amplamente o ditado constitucional dos Oblatos. Ele mesmo em 1850, apenas quatro anos após se fixar em Valdocco, procurou criar uma espécie de “associação secreta de leigos”, a *Pia União provisória de São Francisco de Sales*, que representa a primeira e tímida tentativa de dar continuidade à sua obra educativa mediante a colaboração dos seus primeiros auxiliares. Voltaremos a falar dessa *Pia União* num próximo parágrafo; antes vamos conhecer alguns dos primeiros colaboradores de Dom Bosco.

No pensamento de Dom Bosco, a presença fecunda dos leigos e o seu envolvimento na obra educativa dos oratórios tem sua origem em 1841, ainda antes de se estabelecer em Valdocco, o que ocorrerá somente cinco anos depois. Ele mesmo, numa memória dos anos setenta, citando

os acontecimentos de 1841, ano da sua ordenação presbiteral, escreve: “Começou-se a reunir os rapazes pobres e abandonados na cidade de Turim. Reuniam-se em lugares destinados a isso e em igrejas, eram envolvidos em divertimentos agradáveis e honestos, instruídos e encaminhados a receber dignamente os santos sacramentos da crisma, da confissão e da comunhão. No desempenho das muitas e variadas tarefas juntaram-se diversos senhores que com sua dedicação pessoal e sua generosa beneficência mantinham a assim chamada obra dos oratórios festivos. Estes senhores assumiam o nome do ofício que desempenhavam, mas em geral eram ditos benfeitores, promotores e também cooperadores da Congregação de São Francisco de Sales” (cf. MB XI, 84-86).

Em torno do ano de 1858 amadurece em Dom Bosco a consciência de querer dar continuidade à sua obra educativa; provavelmente é daquele ano o primeiro esboço de Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales. Ele mesmo escreve na memória acima citada: “De 1852 a 1858 foram concedidos vários favores e graças espirituais; mas naquele ano a Congregação foi dividida em duas categorias, ou melhor, em duas famílias. Os que podiam dispor de si mesmos e julgavam ter vocação se uniram em vida comum, morando no edifício que foi sempre considerado como casa mãe e centro da Pia Associação que o Sumo

Pontífice aconselhou se chamasse *Pia Sociedade de São Francisco de Sales*, nome com que é chamada ainda hoje. Os outros, isto é, os externos, continuaram a viver no mundo, junto com as próprias famílias, mas não deixaram de promover a obra dos oratórios”.

Desta unidade de espíritos e de objetivos entre *leigos e eclesiásticos*, como veremos, dão testemunho os primeiros textos constitucionais; leigos e eclesiásticos, na intenção de Dom Bosco, deviam fazer parte juridicamente de uma *única* Sociedade.

Procuremos, agora, conhecer alguns destes primeiros colaboradores de Dom Bosco.

O Cavaleiro Marcos Gonella

Amigo do Teólogo Guala, primeiro reitor de Dom Bosco no Colégio Eclesiástico de Turim, o Cavaleiro Gonella foi, com ele (Guala), denunciado pela polícia francesa por causa da sua correspondência e do seu apoio ao Papa Pio VII, prisioneiro em Savona. Apresentou-o a Dom Bosco o Pe. Borel, também ele seu grande colaborador desde as primeiras reuniões festivas; provavelmente foi também seu primeiro benfeitor.

Diretor da obra pia *A Mendicidade Instruída*, a partir de 1848, após ter conhecido o método educativo de Dom

Bosco, procurou introduzi-lo no instituto a ele confiado. Com frequência ia ao Oratório, onde assistia os meninos no pátio, distribuía-lhes doces e bebidas por ocasião das festas. Em 1855 foi padrinho do jovem valdense Avandetto, convertido ao catolicismo, durante uma celebração presidida no Oratório pelo Bispo de Biella. Seu nome aparece frequentemente nos comitês que organizavam as *rifas* de beneficência em favor dos jovens internos. Para os exercícios espirituais, frequentava o santuário de Santo Inácio, no alto de Lanzo, o mesmo onde Dom Bosco por 32 anos fez os seus retiros. Por várias vezes Dom Bosco e os seus jovens foram hóspedes de sua casa de Chieri. “Com plena estima e gratidão – assim Dom Bosco conclui uma carta dirigida a ele em 20 de maio de 1867 – creia-me, no Senhor, de Vossa Senhoria caríssima, obrigadíssimo servidor. Sac. João Bosco”. Também seu irmão Eustáquio, feito Cardeal em 1868, manteve correspondência com Dom Bosco.

O Conde Carlos Cays di Giletta

Dom Bosco, numa conferência aos Cooperadores em 1878, falou-lhes a respeito dos primeiros benfeitores dos inícios do Oratório. “De fato, era a própria Divina Providência que os mandava, e por meio deles o bem se multiplicou. Estes primeiros Cooperadores Salesianos, tanto

eclesiásticos quanto leigos, não se preocupavam com incômodos e canseiras; pelo contrário, vendo como muitos jovens transviados enveredavam pelo caminho da virtude, sacrificavam a si mesmos pela salvação dos outros. Eu vi muitos deixaram o conforto de suas casas e vir dar catecismo, não somente aos domingos, mas também nos dias da Quaresma, por sinal, numa hora incômoda para eles, mas cômoda para os jovens. Durante o inverno, vi-os também ir todas as tardes a Valdocco por ruas e caminhos quase intransitáveis e perigosos, cobertos de neve e de gelo, para dar aula nas classes que não tinham professor, demorando-se ali o mais possível. Entre eles devem-se citar o Conde Cays di Giletta, o Marquês Fassati, o Conde Callori di Vignale e o Conde Scarampi di Pruney, o qual, em 1900, com a idade de 80 anos, falando com o Pe. Celestino Durando, chorava de consolação e de ternura ao lembrar Dom Bosco e os tempos passados” (MB III, 253-254).

O Conde Cays di Giletta, que também foi deputado no parlamento até 1860, deve ser incluído entre os mais generosos colaboradores e benfeitores de Dom Bosco; sua contribuição na história das origens não se limita somente ao apoio econômico. Desde os inícios ele ajudou assiduamente como catequista, tesoureiro e promotor de rifas... “Era um dos primeiros – narram as *Memórias Biográficas* – sempre que se tratava de fazer algum bem ou impedir

algum mal. Dedicava-se a implantar e presidir as Conferências de São Vicente na cidade e no interior, a visitar os doentes nas casas e nos hospitais, socorrer os pobres mais abandonados, catequizar as crianças” (MB VII, 96).

O volume XIII das *Memórias Biográficas* traça o seguinte perfil do Conde Cays: “Carlos Alberto Cays, conde de Giletta e de Caselette, descendia de uma família da antiquíssima nobreza de Nizza. Terminados os primeiros estudos no colégio do Carmo em Turim sob a direção dos jesuítas, obteve a láurea em jurisprudência. Casou-se em 1837; mas oito anos depois ficou viúvo, com um único filho. Então se tornou pai dos pobres. Ocupava-se da juventude abandonada com especial carinho, ensinando a doutrina cristã nos oratórios de São Francisco de Sales, de São Luís Gonzaga e do Anjo da Guarda; de fato, ele foi um dos muitos nobres de Turim que, conquistados pelo nosso Beato (= Dom Bosco), cooperaram com ele e sob suas ordens para fazer o bem moral e materialmente aos filhos do povo. Como seus antepassados, gozou da benevolência do rei e da família real, que durante o cólera-morbo de 1854 morou por três meses no seu castelo em Caselette, situado num lugar muito salubre aos pés dos Alpes. Foi também deputado no parlamento subalpino durante a sexta legislatura de 1857 a 1860, e a sua voz ressoou eloquente na aula parlamentar em defesa dos sadios princípios e da reinvin-

dicação dos direitos da Igreja. Quando, porém, viu que a política tomava uma direção muito contrária aos seus sentimentos católicos, retirou-se para a vida privada, dedicando-se unicamente a obras de caridade e de religião... Um antigo desejo de se afastar do mundo e de abraçar o estado religioso reviveu mais do que nunca em seu coração em torno de 1877” (MB XIII, 217-219). Naquele mesmo ano, mediante as mãos de Dom Bosco, o Conde Cays vestiu o hábito clerical no dia 18 de setembro de 1877.

O Marquês Domingos Fassati

Numa página das *Memórias Biográficas* relativa ao ano de 1855 lemos: “O senhor Marquês Domingos Fassati, por vários anos e em todos os dias da Quaresma, ia assiduamente ao Oratório para dar catecismo a uma classe numerosa de aprendizes pobres, deixando para uma hora mais incômoda para ele a própria refeição... Seu zelo era singular, admiráveis eram as iniciativas de que se servia para manter atentos e assíduos os rapazes, e para fazê-los progredir na ciência da religião. Amante da ordem, como bom militar, dispunha seus jovens de tal modo a tê-los todos sob seus olhos, ora perguntava a um ora a outro, aos poucos e como que de improviso, a fim de que, com receio de ser interrogado, ninguém ficasse distraído. Numa fo-

lha de papel conservava o nome e o sobrenome de todos os seus pupilos, assinalava as ausências e o bom ou mau procedimento. De quando em quando distribuía santinhos, medalhas, livrinhos e outras pequenas lembranças aos mais diligentes. Embora com seus jovens ele mantivesse um aspecto sério e de cunho militar, eles lhe queriam muito bem e quando o viam chegar demonstravam sua alegria e dificilmente se ausentavam. Em suma, o Marquês Fassati mantinha os meninos em tão boa ordem e os instruía tão bem que era proposto como modelo. Desejoso de se aperfeiçoar sempre mais na arte de instruir os pequenos, ele não deixava de participar das conferências que Dom Bosco fazia de vez em quando para os seus catequistas” (MB V, 197-198).

Sempre desejoso de encontrar-se com Dom Bosco e de dialogar com ele, chegou a prometer-lhe uma espécie de “prêmio” toda vez que o nosso Santo aceitasse seu convite para almoçar; todavia, dando-se conta das muitas ocupações de Dom Bosco, continuou a contribuir generosamente com suas numerosas iniciativas, sem condicionar sua contribuição a tão suspirada hospitalidade.

O comerciante José Gagliardi

Nem todos os primeiros colaboradores de Dom Bosco foram nobres ou pessoas notáveis da cidade de Turim;

muitos eram de condição mais humilde, como o comerciante José Gagliardi. As *Memórias Biográficas* narram: “A simples presença de Dom Bosco era suficiente para manter em ordem aqueles ‘moleques’ não habituados à disciplina, mas ele não podia estar sempre e por toda parte com eles, especialmente nas igrejas públicas, durante as celebrações sagradas. Por isso, tinha necessidade de alguém que o substituísse na assistência... ‘Desde o princípio – escreveu Dom Bosco – nossos benfeitores foram: certo Gagliardi, pequeno comerciante que tinha sua loja diante da Basílica Mauriciana, o qual, não dispondo de dinheiro suficiente para dar de esmola, vinha ao Oratório para assistir os jovens e procurava despertar o interesse de outras pessoas em nosso favor; o Sr. Montuardi, que por cerca de dois anos dava ao Teólogo Borel uma quota mensal de trinta liras, e o generoso e rico banqueiro Comendador Cotta. Estes e alguns outros senhores se empenhavam também para encontrar bons patrões para os meninos que não sabiam aonde ir trabalhar’” (MB II, 346-347).

Também Gagliardi foi promotor de rifas, assistente dos meninos desde os primeiros anos, especialmente aos domingos; frequentemente é mencionado por Dom Bosco em algumas cartas que o saúdam por ocasião de suas ocasionais ausências do Oratório.

Presenças femininas

O número e a generosidade das primeiras benfeitoras de Dom Bosco é incalculável. Muitas delas, porém, não se limitaram a sustentar economicamente a obra dos oratórios. Nas *Memórias Biográficas* lemos: “Com os colaboradores, apareceram no Oratório também as colaboradoras, das quais Dom Bosco também falou numa conferência: ‘Era cada vez mais urgente ajudar materialmente os nossos meninos pobres. Havia os que tinham as calças e o casaco caindo aos pedaços, inclusive com prejuízo da modéstia; os que nunca podiam trocar aqueles trapos de camisa que usavam; os que se apresentavam tão sujos que nenhum patrão queria acolhê-los para trabalhar. Foi aqui que começou a avultar a bondade e a utilidade das Cooperadoras. Para glória das senhoras de Turim, eu gostaria contar por toda parte como muitas delas, embora provindo famílias importantes e delicadas, todavia, não demonstravam nenhuma repugnância em pegar aquelas jaquetas, aquelas calças nojentas e consertá-las com suas mãos; apanhar aquelas camisas rasgadas, e que talvez nunca viram água, para lavá-las, remendá-las e por fim devolvê-las àqueles meninos pobres, que atraídos pelo perfume da caridade cristã, perseveraram no Oratório e na prática das virtudes. Várias dessas senhoras beneméritas mandavam roupa de cama, roupas novas, dinheiro, comida e tudo quanto podiam. Al-

gumas estão aqui e me ouvem, outras já foram chamadas por Deus para receber o prêmio das suas canseiras e obras de caridade'. Estas santas mulheres tinham-se agrupado em torno de Mamãe Margarida, sempre a primeira, e sua boa irmã; depois, a senhora Margarida Gastaldi, mãe do Cônego Lourenço Gastaldi, e com ela a Marquesa Fassati; outra ilustre dama da corte e outras ainda, que não desdenhavam associar-se à humilde camponesa dos Becchi para remendar os trapos dos rapazes no seu pobre quartinho no Oratório. E quando Dom Bosco começou a recolher os órfãos, elas, com uma abnegação materna, tomaram cuidado deles como se tratasse dos próprios filhos. Todos os sábados levavam para os jovens camisas e lenços. Cada mês forneciam lençóis limpos, às vezes remendados com carinho. Era a senhora Gastaldi que assumia o cuidado de lavar a roupa de cama e a roupa de baixo. Aos domingos, revistava todas as camas; depois, como um comandante, punha os meninos em fila, inspecionava um por um, para ver se tinham trocado a camisa e lavado as mãos e o pescoço" (MB III, 254ss).

2. O caminho de uma ideia

Giuseppe Buccellato SDB

Sempre se julgou necessária a união entre os bons para ajudar-se mutuamente em fazer o bem e se opor ao mal (Regulamento de 1876).

Um *Breve* de aprovação de Pio IX, de 9 de maio de 1876, assinalará o ponto de chegada e o de retomada da história dos Salesianos Cooperadores. Por quais caminhos e etapas intermédias amadureceu em Dom Bosco a consciência de conferir vida própria a uma associação que, inicialmente, fora pensada, até mesmo juridicamente, como parte viva e ativa da Sociedade de São Francisco de Sales?

Na realidade, podemos afirmar que o nascimento da ideia de uma associação de leigos, em Dom Bosco, é anterior à própria ideia de fundar uma congregação religiosa.

De fato, o primeiro projeto que as crônicas recordam com o nome de *Pia União provisória de São Francisco de Sales* tem suas raízes em 1850. No tempo das *sociedades secretas* não surpreende o fato de que algum elemento de mistério rodeasse este primeiro plano de associação laical. O objetivo, em perfeita harmonia com os objetivos das as-

sociedades laicais do Pe. Diessbach e do Pe. Lanteri, era de “impedir que a impiedade fizesse ulteriores progressos” (cf. MB IV, 172-174) perante os abusos da imprensa em matéria religiosa; de fato, em 1848, Carlos Alberto tinha emanado um edito a respeito da *liberdade de culto*, o qual era visto como uma ameaça por muitos ambientes católicos.

O tom do *documento constitutivo da dita Pia União* é de cunho predominantemente polêmico; o nome de Dom Bosco nem mesmo aparece, provavelmente por motivos prudenciais. O Pe. Morand Wirth não hesita em definir essa *Pia União*, composta em sua criação por sete homens, “uma espécie de maçonaria católica”. “Que esta pia sociedade provisória – é o que espera o documento – seja o início de uma organização maior que, com a contribuição de todos os sócios e mediante meios lícitos e honestos que se poderão procurar, se dedique a todas as obras de beneficência instrutiva, moral e material, consideradas as mais adequadas e oportunas para impedir que a impiedade faça ulteriores progressos, e se possível, arrancá-la onde por acaso já se tiver enraizado”.

Nessa *Pia União provisória*, o Pe. Eugênio Ceria, um dos primeiros historiadores da Sociedade Salesiana, entrevê a preparação remota da futura *União dos Cooperadores*.

Da “Pia União” ao capítulo sobre os sócios externos

Durante os anos de 1850 começa a tomar forma a futura Sociedade Salesiana. No pensamento de Dom Bosco, a origem da *Sociedade de São Francisco da Sales* deve ser entendida como um processo evolutivo, cujo início praticamente coincide com alguns acontecimentos decisivos de sua existência e, em particular, com a experiência de um catecismo iniciado num ambiente adjacente à sacristia da igreja de São Francisco de Assis, à qual estava anexo o Colégio Eclesiástico.

As repetidas alusões de Dom Bosco ao ano de 1841 como ano do início da Sociedade fazem-nos compreender que, no seu pensamento, o *movimento* que ele iniciou e acolhia eclesiásticos e leigos tinha uma vida autônoma e uma identidade definida antes ainda de ser “institucionalizado” e regulado por um texto constitucional.

Em torno a 1858, quando Dom Bosco, no primeiro esboço de Constituições, escreve que “o escopo desta Congregação é o de reunir os seus membros, clérigos e também leigos, a fim de se aperfeiçoarem a si mesmos, imitando, quanto possível, as virtudes do Divino Salvador”, não faz nenhum esforço abstrato para “imaginar” um projeto, mas limita-se a fazer uma *fotografia* do que já existe, da realidade que, já há dezessete anos, se vê dentro e fora dele.

De qualquer forma, fica de pé o fato de que aqueles anos assinalam de forma clara a origem do processo de *institucionalização* que, num diálogo fecundo, mas nem sempre fácil, com as autoridades eclesiais, dará vida à Congregação Salesiana e à Associação dos Cooperadores. Na noite de 18 de dezembro de 1859, no Oratório de São Francisco de Sales, nos aposentos de Dom Bosco, reúnem-se alguns jovens escolhidos com a finalidade de “promover e conservar o espírito de verdadeira caridade, indispensável na obra dos oratórios para a juventude abandonada e periclitante”; todavia, na realidade, esta data não foi celebrada na história das origens como o início da obra e da fundação salesiana: Dom Bosco gostava de fazê-la remontar a 1841, ano do primeiro *catecismo*.

Em 1860, quando Dom Bosco prepara um esboço das Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales a ser submetido ao Arcebispo de Turim, D. Fransoni, um capítulo com quatro artigos é dedicado aos leigos que, no seu projeto, para todos os efeitos fazem parte da Sociedade, embora vivendo na própria casa e não sendo ligados por votos. Quatro anos mais tarde, o capítulo sobre os assim ditos *membros externos* haverá de enriquecer-se de um quinto artigo. Este texto obterá uma primeira aprovação mediante um *Decretum Laudis*.

Pelo seu grande interesse histórico, referimos aqui por inteiro esses artigos, extraídos da edição das Constituições de 1864.

1. Qualquer pessoa, mesmo vivendo no mundo, na própria casa, na própria família, pode pertencer à nossa sociedade.
2. O sócio não faz votos; mas procurará pôr em prática a parte do regulamento que for compatível com a sua idade, seu estado e sua condição, como, por exemplo, fazer ou promover catecismos em favor dos meninos pobres, difundir bons livros, empenhar-se na realização de tríduos, novenas, exercícios espirituais e outras obras de caridade semelhantes que tenham especialmente como finalidade o bem espiritual da juventude ou do povo simples.
3. Para participar dos bens espirituais da sociedade é preciso que o sócio faça pelo menos uma promessa ao Reitor-Mor de dedicar-se ao que ele considera ser melhor para a glória de Deus.
4. Esta promessa, porém, não obriga nem mesmo sob pena de culpa venial.
5. Todo membro da sociedade, que por algum motivo razoável a abandonar, é considerado como membro externo e pode continuar a participar dos bens espi-

rituais de toda a sociedade, contanto que pratique a parte do regulamento prescrita para os externos.

Algo semelhante pode-se encontrar na Congregação dos Oblatos de Maria Virgem do Pe. Pio Bruno Lanteri e também nas figuras dos *afiliados* e dos *inscritos* das Constituições do Instituto da Caridade do Beato Pe. Antônio Rosmini.

As objeções da Congregação dos Religiosos

O texto constitucional apresentado por Dom Bosco a Roma em 1864 não será aprovado pela Congregação dos Bispos e dos Regulares; um dos motivos será precisamente a presença deste capítulo sobre os *membros externos*.

De fato, na sua relação de 6 de abril de 1864, o consultor da Congregação escreverá a este respeito: “Julgo oportuno cancelar todos os artigos... que apresentam uma novidade quanto às afiliações ao Instituto de pessoas estranhas, e considero-as um verdadeiro perigo, dada a situação dos tempos que correm e dos lugares pouco seguros”. As observações do pró-secretário Svegliati seguem a mesma linha: “Não se pode admitir que pessoas estranhas ao Pio Instituto nele se inscrevam para efeitos de afiliação”.

Dom Bosco defendeu-se. Fazia questão de salvar a “sua” ideia, e na resposta aos consultores aludiu à história de outras ordens antigas e aos *terciários* que, no mundo, promovem a vida do próprio instituto. E afirmou que, se este capítulo não podia ser anexado às Constituições, que pelo menos pudesse ser posto no fim do texto constitucional e aprovado como apêndice. Fez algumas mudanças, retornando substancialmente ao texto de 1860; em seguida, voltou a submeter tudo ainda uma vez às autoridades romanas em 1873, pondo o capítulo sobre os *membros externos* no fim do texto constitucional.

Tudo inútil. Para obter a aprovação definitiva das Constituições em 1874, Dom Bosco teve que resignar-se a eliminar os artigos contestados.

Começa aqui o percurso que, dois anos mais tarde, levará à fundação da Associação dos Cooperadores Salesianos que, pelo visto, nasce precisamente do “fracasso” do projeto primitivo e unitário do Fundador. A Igreja de Roma ainda não estava em condições de compreender e homologar o que hoje, à luz do Concílio Vaticano II, tornou-se uma realidade viva e reconhecida nos estatutos de algumas novas instituições religiosas: *leigos e eclesiásticos juntos, para a salvação dos jovens*.

Rumo a um projeto definitivo de uma associação de leigos salesianos

Após a supressão definitiva do capítulo sobre os membros externos, de 1874, Dom Bosco compilou, em data incerta, um texto com o título de *Associados à Congregação de São Francisco de Sales*. Este texto retoma substancialmente os conteúdos do capítulo suprimido, desenvolvendo-se notavelmente. Pela primeira vez fala-se de uma união ou associação distinta, embora estreitamente ligada à Sociedade.

Um trecho do manuscrito original revela-nos os objetivos deste primeiro projeto de associação:

Quantas pessoas existem que se afastariam de boa vontade do mundo para evitar os perigos de perdição, gozar da paz do coração e, assim, passar a vida na solidão, na caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas nem todos são chamados a este estado. Muitos, por causa da idade, outros, por condição, por razões de saúde, muitíssimos por falta de vocação, sentem-se absolutamente impedidos. É para satisfazer a este desejo generalizado que se propõe a Associação de São Francisco de Sales. Duplo é seu escopo:

1º Propor um meio de perfeição a todos os que se sentem razoavelmente impedidos de entrar para algum instituto religioso.

2º Participar das obras de piedade e de religião que os sócios da Congregação Salesiana, em público e em privado, realizam de algum modo para a maior glória de Deus e o bem das almas.

Estas duas vantagens podem-se obter facilmente mediante a observância das Regras desta Congregação no que elas forem compatíveis com a situação de cada um.

3º Soma-se a isto também um motivo que talvez seja mais essencial do que os outros. A necessidade da união para fazer o bem. É um fato que os homens do mundo se associam para os seus negócios temporais, para difundir a má imprensa, espalhar pelo mundo maus conselhos, propagar instrução errônea e falsos princípios em meio à juventude incauta, e nisso obtêm sucessos maravilhosos! E os católicos ficam inoperantes ou separados uns dos outros de tal modo que suas obras são paralisadas pelos maus? Unamo-nos todos mediante as Regras da Congregação Salesiana, façamos de todos nós um só coração e uma só alma com os associados externos, tornemo-nos verdadeiros coirmãos. O bem de um seja o bem de todos, o mal de um seja combatido como o mal de todos.

Propor um meio de perfeição..., participar de obras de piedade... Não nos surpreenda o escopo espiritual e ascético que está por detrás deste primeiro projeto, escopo que, por outro lado, se identifica com o proposto com cla-

reza a todo o *movimento espiritual* que tem sua origem em Dom Bosco: trata-se de construir uma vida cristã radical e, em termos mais imediatos e explícitos, de santificar-se, partilhando as *solicitudes de Deus pelo seu povo*.

Estes textos nos manifestam a mente e o coração do Fundador.

A este primeiro manuscrito seguirão mais três documentos impressos, publicados respectivamente em 1874, 1875 e 1876:

– O primeiro texto traz o título de *União cristã* e é anterior à aprovação oficial das Constituições da Congregação Salesiana em 3 de abril de 1874; pela primeira vez, é inserida nele uma fórmula de aceitação.

– O segundo texto aparece sob o novo título de *Associação para boas obras*. Nele se diz: “Esta Associação poderia ser considerada como uma espécie de ordem terceira das antigas ordens religiosas, com a diferença de que, naquelas, propunha-se a perfeição cristã mediante o exercício da piedade; ao passo que aqui tem-se por objetivo a vida ativa mediante o exercício da caridade para com o próximo, especialmente para com a juventude periclitante. Esta é a finalidade específica da dita Associação” (MB XI, 536-537). É um texto interessante porque dele emerge com maior clareza a *caridade apostólica* como perspectiva inseparável do próprio *caminho pessoal de perfeição*.

– O terceiro documento impresso apareceu em 1876, com um título destinado a durar: *Cooperadores Salesianos, ou seja, um modo prático de colaborar com os bons costumes e a sociedade civil*. No mesmo ano apareceram outras duas edições ampliadas, que, além de conter uma introdução de Dom Bosco, apresentavam também o *Breve* de aprovação de Pio IX, de 9 de maio de 1876.

O Regulamento de 1876

Nessa altura, na tipografia salesiana de Turim, é impresso em 1876 um pequeno volume de dezesseis páginas que constitui o primeiro verdadeiro *regulamento* da Associação; compõe-se de oito títulos ou parágrafos e um aviso; conclui-se com o formulário para a promessa do associado.

“As forças fracas, quando unidas, tornam-se fortes – escreve Dom Bosco no primeiro parágrafo –, e se uma cordinha sozinha facilmente se rompe, é muito mais difícil romper três juntas... Assim costumam agir os homens do mundo em seus negócios temporais. Deveríamos, por acaso, nós, os filhos da luz, ser menos prudentes do que os filhos das trevas?”

A Associação é um sinal dos tempos, o reflexo de uma ideia constantemente presente nos primeiros projetos

que assinalam o surgir do “movimento católico” na Itália. Após a aparente falência da Igreja de Roma no percurso que conduziu à unidade da Itália, Dom Bosco compreende a importância de unir os católicos para fazer frente às forças do liberalismo anticlerical.

O segundo parágrafo repete que a Congregação Salesiana é o vínculo de união para a Associação.

No terceiro, enuncia-se o escopo fundamental dos Cooperadores Salesianos: “Consiste em fazer o bem a si mesmo – escreve Dom Bosco –, mediante um teor de vida, na medida do possível, semelhante ao da vida comum. De fato, muitos iriam de boa vontade para um mosteiro; alguns, porém, por idade, outros por razões de saúde ou de condição, muitíssimos, por falta de oportunidades, sentem-se absolutamente impedidos”.

Mesmo em meio às suas ocupações normais, permanecendo na própria família, eles podem viver “como se de fato estivessem numa congregação”.

No quarto parágrafo é elencada a maneira prática, o apostolado característico, a *missão* que a Associação se propõe: coincide – esclarece Dom Bosco – com a da Congregação “à qual entendem associar-se”. Pode surpreender o fato de a primeira *tarefa* confiada aos associados seja a de “promover novenas, tríduos, exercícios espirituais e ca-

tecismos”. Na realidade, aqui como em outras partes, Dom Bosco põe em primeiro lugar o empenho pela evangelização, que considera prioritário, a ponto de identificá-lo com a própria natureza da Congregação. “A nossa Sociedade – escreve em outro lugar –, nos inícios, era um simples catecismo”.

O segundo *mandato* confiado aos Cooperadores é o cuidado pelas vocações ao estado eclesiástico; o *terceiro*, a *difusão da boa imprensa* e, finalmente, “a caridade para com os rapazes periclitantes: recolhê-los, instruí-los na fé, encaminhá-los às celebrações sagradas, aconselhá-los nos perigos, levá-los aonde possam ser instruídos na religião”. Pode-se cooperar também mediante a *oração* e pondo à disposição, como os primeiros cristãos, os próprios bens materiais.

Após um parágrafo dedicado ao governo da Associação, onde se reafirma a autoridade do Reitor-Mor, no sexto parágrafo faz-se referência às relações com os membros da Sociedade. “Estes considerem todos os Cooperadores como autênticos irmãos em Jesus Cristo e a eles se dirijam sempre que sua colaboração for útil em iniciativas que promovem a maior glória de Deus e a salvação das almas”. Na realidade, este artigo deveria ter sido inserido nas Constituições dos Salesianos mais do que no Regulamento dos Cooperadores, tratando-se de uma exortação concretamente dirigida aos Salesianos.

Depois de elencar as *vantagens espirituais* de que gozam os associados, Dom Bosco inclui um parágrafo sobre as *práticas religiosas* e o estilo de vida que deve caracterizar os Cooperadores. “A fim de que a sua vida possa, de algum modo, assemelhar-se à dos que vivem em comunidades religiosas – afirma corajosamente Dom Bosco –, recomenda-lhes a modéstia no vestir, a frugalidade à mesa, a simplicidade nos móveis domésticos, a morigeração nas conversas, a exatidão nos deveres do próprio estado”. A prática anual dos *exercícios espirituais*, a frequência dos sacramentos, o terço, representam um caminho seguro para alimentar a chama da própria vocação.

Caminhando

O desenvolvimento da Associação naqueles primeiros anos é difícil de avaliar em termos numéricos. A esse respeito, o Pe. Eugênio Ceria, no seu livro *Os Cooperadores Salesianos. Um pouco de História*, de 1952, escreve: “A árvore salesiana, surgida de humildes raízes, cresceu e se consolidou num tronco robusto com três grandes ramos: a Sociedade de São Francisco de Sales, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e a Pia União dos Cooperadores. Os Salesianos e as Irmãs desenvolvem um trabalho paralelo, que é coletivo, sistemático, público e progressivo e que,

portanto, todos veem ou podem ver. Não ocorre o mesmo com os Cooperadores. Eles agem individualmente, com raras manifestações em comum, de tal modo que, fora dos respectivos escritórios que mantêm atualizados os dados estatísticos gerais ou particulares, ninguém saberia dizer quantos e quais são e o que propriamente fazem os associados”.

O *Regulamento* de 1876, que recolhia o fruto das experiências anteriores e do capítulo sobre os *membros externos*, propõe com clareza um ideal de vida corajoso e radical, que é posto em paralelo com o da vida religiosa. De fato, aos Cooperadores é proposto um caminho de “perfeição cristã” mediante “o exercício da caridade para com o próximo, especialmente para com a juventude periclitante”.

O aspecto material e de beneficência, que também é indicado entre os meios de colaboração, não está ausente, mas só é valorizado e assume um significado mediante a referência bíblica aos *Atos dos Apóstolos*.

É possível que em alguns casos, sobretudo após a morte do Fundador, a confusão entre *Cooperador* e *Benfeitor* tenha prejudicado a identidade da Associação. O que podemos afirmar é que este não era certamente o pensamento de Dom Bosco, que, durante toda a sua vida, nas numerosas reuniões ou conferências feitas na Itália e no

exterior, sempre apresentou aos Cooperadores os traços característicos de um ideal de clara identidade cristã.

3. A consolidação da Associação até 1888

Morand Wirth SDB

Os Cooperadores Salesianos não devem somente recolher esmolas para as nossas obras que acolhem jovens pobres, mas também empenhar-se com todos os meios possíveis para cooperar com a salvação dos seus irmãos, em particular da juventude (Dom Bosco, Conferência aos Cooperadores em Lião, 1882).

Logo após a aprovação, Dom Bosco se põe a trabalhar. Fala, viaja, recruta. Ele previra que seriam necessários dois anos para lançar a Associação. Esses termos serão respeitados.

O método varia, mas os resultados são eloquentes. Com frequência, quando está seguro de que não haverá nenhuma resistência, limita-se a enviar ao futuro Cooperador o Regulamento com o diploma de inscrição. Para as personalidades de renome acrescenta uma carta pessoal. Ele faz questão de dispor de grandes e belos nomes que confirmam importância aos seus elencos de Cooperadores, a começar pelo Papa Pio IX, que dizia querer ser, não somente Coo-

perador, mas o primeiro dos Cooperadores. Com simplicidade, fez a mesma proposta ao austero Leão XIII, que declarou querer ser, não só Cooperador, mas “operador”.

Por ocasião de suas viagens e deslocamentos pela Itália, pela França e pela Espanha, cresce notavelmente o número dos associados. Em Roma, conquista para a sua causa muitas das grandes famílias e numerosos prelados. Gênova e a Ligúria lhe proporcionam grossos contingentes. Na França, Nice se torna um centro importante por causa do caráter cosmopolita da cidade. Em Marselha, os Cooperadores são tão fervorosos que, com eles, Dom Bosco tem a impressão de estar em família. Em 1880, numa conferência aos Cooperadores em San Benigno Canavese, anunciou que os Cooperadores e as Cooperadoras tinham chegado a trinta mil e que aumentavam a cada dia. Na Espanha, é indispensável citar o nome de Doroteia de Choptea, verdadeira “mãe das obras salesianas”, em torno da qual se multiplicavam as iniciativas e as adesões.

As conferências anuais e o *Boletim Salesiano*

Um dos meios para conservar a unidade de espírito e aumentar o número dos Cooperadores eram as “conferências” (termo que podemos considerar sinônimo de “reunião”), que ocorriam normalmente por ocasião das festas

de São Francisco de Sales e de Maria Auxiliadora. A primeira aconteceu em Roma, no dia 27 de janeiro de 1878. Depois da leitura de um capítulo sobre o amor do Santo Patrono para com os pobres, Dom Bosco fez o seu discurso sobre as obras em favor da juventude, “obras que não podem não ser respeitadas, aliás, desejadas por qualquer governo, seja qual for a sua política” (MB XIII, 618). Encerrava-se com cânticos e orações. As *Memórias Biográficas* conservam a crônica de umas cinquenta conferências feitas por Dom Bosco em várias cidades da Itália, da França e em Barcelona, na Espanha.

Aos Cooperadores, Dom Bosco queria também oferecer um instrumento de comunicação, que servisse para mantê-los unidos com o centro da Congregação e entre eles, sem esquecer a finalidade propagandística e a de solicitação de recursos. Em janeiro de 1878, o *Bibliófilo Católico*, um periódico antes destinado a tornar conhecidas as publicações do Oratório de São Francisco de Sales, foi transformado em *Boletim Salesiano*, periódico mensal que era enviado gratuitamente aos Cooperadores e a todos os que se interessavam de perto ou de longe pela sua obra. A difusão deste periódico aumentará a cada ano, a ponto de alcançar em 1887 a tiragem de quarenta mil cópias. Uma edição francesa apareceu desde 1879, uma argentina em 1880 e uma espanhola em 1886.

Quando em algum lugar surgia um grupo de Cooperadores, procuravam-se decuriões, em geral sacerdotes, que assumissem a coordenação de aproximadamente dez Cooperadores ou Cooperadoras. Para eles foi preparada uma lista de “normas gerais” a fim de ajudá-los no seu encargo. Para coordenar os grupos de uma diocese pedia-se a algum personagem eclesiástico que aceitasse o título de diretor diocesano. Por outro lado, Dom Bosco não se cansava de estimular os Salesianos, especialmente os diretores, para que assumissem o cuidado da Associação.

O testamento espiritual de Dom Bosco

Antes de morrer, Dom Bosco, no seu testamento espiritual, redigiu uma extensa lista de Cooperadores e “beneficentes insígnis”, para com os quais se haveria de ter “perene reconhecimento diante de Deus e dos homens”. São nomes de pessoas que apoiaram de forma extraordinária o nascimento e o desenvolvimento da Obra Salesiana, como a família de Maistre, de origem saboiana; as famílias piemontesas Fassati, Callori e Corsi; a princesa Odescalchi de Roma; as famílias genovesas Chiglini, Cataldi e Dufour; os Visconti, Héraud, Levrot e Daprotis de Nice; de La Fléchière de Hyères; Colle de Toulon; Prat, Jacques Broquier e Pastré de Marselha; Quisard, de La Réserve e Desver-

nay de Lião; de Saint-Seine e Parque de Dijon; de Cessac de Paris; e Clara Louvet de Aire-sur-la-Lys. Mas esta lista prestigiosa da elite não deve ocultar a massa dos humildes Cooperadores da “base”.

Por ocasião da morte de Dom Bosco em 1888, uma realidade era evidente: a força apostólica da modesta Congregação fora multiplicada por dez, graças à ajuda “fraterna” dos seus Cooperadores. Talvez seja significativo a este respeito o fato de que, pelo menos uma vez, Dom Bosco, no lugar da expressão “Cooperadores Salesianos”, escreveu “Salesianos Cooperadores” (cf. MB XI, 82-83). De fato, muitos deles podiam ser considerados, se não canonicamente, verdadeiros “Salesianos no mundo”.

4. Os Salesianos Cooperadores de 1888 a 1965

Morand Wirth SDB

A Obra dos Cooperadores foi feita para acordar do marasmo no qual jaziam tantos cristãos, e difundir a energia da caridade... Obra que nestes nossos dias se mostra extraordinariamente oportuna..., que se dilatará por toda a cristandade. Chegará o dia em que o nome de “Cooperador” significará “verdadeiro cristão”. A mão de Deus a sustenta. Os Cooperadores serão os que ajudarão a promover o espírito católico (MB XVIII, 161).

Na carta-testamento dirigida aos Cooperadores Salesianos lê-se este apelo: “Se vós me ajudastes com tanta bondade e perseverança, agora eu vos peço que continueis a ajudar o meu Sucessor depois da minha morte. As obras que, com o vosso apoio, eu iniciei, não precisam mais de mim, mas continuam a precisar de vós e de todos os que, como vós, querem fazer o bem neste mundo”.

Este último apelo aos seus “queridos” Cooperadores não ficou letra morta: o Pe. Ceria estava certo disto e o

provou simplesmente analisando a história dos reitorados que desde então se sucederam. De fato, a “ordem terceira salesiana” que, desde 1876, Dom Bosco sentia que era chamada a um grande desenvolvimento, nunca deixou de afirmar-se na própria organização e no seu influxo, embora nos decênios seguintes tenha conhecido períodos de menor vitalidade.

Organização e expansão com o Pe. Rua

No início do reitorado do Pe. Rua, e por seu empenho pessoal, apareceu um *Manual teórico-prático*, reimpresso e aperfeiçoado diversas vezes, que tinha o escopo de fornecer aos responsáveis locais da Pia União um “guia sobre o modo de cooperar com as Obras Salesianas”. A primeira parte especificava as tarefas do decurião (chefe de aproximadamente dez Cooperadores ou Cooperadoras), do diretor diocesano (um eclesiástico, centro do movimento salesiano da diocese), da comissão salesiana, da subcomissão de Cooperadoras, dos zeladores e das zeladoras. Seguiam-se conselhos a respeito da maneira de fazer as conferências salesianas. A segunda parte do pequeno volume, inteiramente dedicada às “obras de zelo”, continha os capítulos seguintes: ação e oração, obra dos catecismos (“cada Cooperador deveria ser um catequista”), as voca-

ções eclesíásticas (nas famílias, nas escolas), a imprensa (a difundir entre o povo, nas escolas, nos catecismos, nos oratórios, nas oficinas, nos hospitais...), a juventude abandonada (cooperar com as obras juvenis e apoiar as obras salesianas), e finalmente o dinheiro – grande potência – e a obrigação de usá-lo devidamente.

Na Itália, o Pe. Rua conseguiu realizar este projeto. Sempre que numa diocese se constituía um grupo bastante importante de Cooperadores, ele pedia ao bispo que aceitasse nomear um diretor diocesano. Este diretor, geralmente um pároco ou o vigário-geral, devia propor ao Superior a nomeação de *decuriões*, isto é, de responsáveis por um grupo local. Em 1893, decidiu-se reunir em Valsalice, junto ao túmulo de Dom Bosco, a primeira assembleia dos quadros do movimento. Início prometedor, pois representantes de vinte e seis dioceses da Itália responderam ao convite. Além disso, foi um encontro frutuoso, pois desta espécie de “Capítulo Geral dos diretores diocesanos da Pia União”, como curiosamente o definia a relação oficial, brotaria a ideia do primeiro grande congresso internacional dos Cooperadores.

Desde então, a organização conheceu rápidos progressos e na reunião de Turim de 1898 já estavam representadas quarenta dioceses. Muito próximo dos Salesianos, os Cooperadores se tornavam agentes muito eficazes da

expansão salesiana. Frequentemente estavam na origem de novas fundações, que eles depois apoiavam com a sua contribuição material e pessoal, difundindo o conhecimento do trabalho dos religiosos. Durante as viagens, mediante seu exemplo pessoal, o Pe. Rua mostrava a grande importância que ele atribuía à “cooperação” salesiana.

Além disso, o Pe. Rua preocupou-se em convencer os próprios Salesianos quanto à responsabilidade deles para com a Pia União. Durante o Capítulo Geral de 1895, por sua explícita solicitação, uma comissão especial assumiu o compromisso de estudar as relações dos Cooperadores com as casas salesianas, e as de cada casa com Turim. Nos Capítulos de 1901 e de 1904, ele mesmo propôs nomear em cada inspetoria um “correspondente inspetorial” que se encarregasse do movimento, e em cada casa um “encarregado dos Cooperadores”. Os onze artigos que se encontram no final dos Regulamentos da Sociedade Salesiana, com o título significativo de *Normas para os Salesianos em relação à Pia União dos Cooperadores*, substancialmente provinham, se não na forma, das deliberações daquele tempo. Lá encontramos também outra inovação desse reitorado: a criação de uma Comissão Central, composta por um presidente, que era o prefeito-geral da sociedade (vigário), de três conselheiros (o redator do *Boletim Salesiano*, o responsável pela propaganda e outro

pela correspondência) e de um ou mais secretários. O Pe. Rua tinha sabido encontrar o homem certo para realizar os diversos projetos. Encarregando o Pe. Estêvão Trione da “propaganda” e nomeando-o como primeiro secretário-geral da União, abria um período fecundo de cooperação ativa.

Os primeiros grandes Congressos (1895-1909)

Na vida desta vasta organização, os congressos internacionais ocupam um lugar importante. Correspondiam à exigência de união, tão frequentemente sublinhada por Dom Bosco, e em primeiro lugar pelo Regulamento dos Cooperadores. Tratando dos primeiros congressos, o Pe. Ceria se apressava em responder a objeções não imaginárias: “Estes grandes encontros não surgiram para fins propagandísticos em favor da Sociedade Salesiana, mas visavam à difusão do espírito de Dom Bosco no mundo, de acordo com o programa e por meio dos Cooperadores, que deviam multiplicar-se o mais possível”.

O desenvolvimento destas grandes reuniões ocorria segundo um programa já bem experimentado. No contexto de solenes sessões de abertura e encerramento, a parte “séria” do congresso era dedicada ao estudo, sob a forma de exposições ou discussões, de alguns grandes temas: na-

tureza da cooperação, formação pessoal, juventude e educação, vocações, ação social, imprensa, missões... Além disso, a intervenção de altas personalidades religiosas e civis, a presença e o testemunho das delegações estrangeiras, a leitura de numerosas “adesões” e, particularmente, da mensagem pontifícia, contribuíam para criar nos participantes um clima de fervor, que, no fim, se procurava traduzir em votos ou resoluções.

No mês de abril de 1895 realizou-se em Bolonha o primeiro congresso dos Cooperadores. Empenhou-se nele pessoalmente o próprio Arcebispo local, o Cardeal Svampa, grande admirador de Dom Bosco. A reunião, de dimensões internacionais, foi organizada pelo Pe. Trione, secretário-geral da Associação. Cerca de dois mil foram os participantes, entre os quais, uns trinta prelados, Bispos e Cardeais. O Pe. Rua esteve presente na qualidade de presidente efetivo. A magreza ascética do personagem, sua modéstia e afabilidade, impressionaram a multidão. Houve imponentes cerimônias religiosas, concertos espirituais, discursos. Por três dias, a obra de Dom Bosco no campo da educação, da ação social, das missões e da imprensa, recolheu toda espécie de elogios. Foi um sucesso. O sucesso repercutiu em muitos países mediante os representantes de 58 jornais italianos e estrangeiros. Cinco dias após o encerramento do congresso, numa carta repleta de

entusiasmo, o Pe. Rua recordava aos Salesianos uma predição de Dom Bosco quanto ao futuro da Congregação: “Em 1895, grande triunfo!”.

Na esteira do primeiro congresso de Bolonha, outros grandes congressos foram celebrados antes da Primeira Guerra Mundial em ocasiões significativas para o conjunto da Família Salesiana, como o que se celebrou em 1900 em Buenos Aires por ocasião do 25º aniversário da primeira casa salesiana na América. Os idealizadores do congresso tinham em mente dois objetivos: difundir o conhecimento da obra de Dom Bosco e prestar contas aos Cooperadores de tudo o que sua beneficência tinha podido realizar ao longo de vinte e cinco anos. Ocupava a presidência efetiva o ex-deputado Santiago O’Farrell, enquanto o Pe. Albera, em representação do Pe. Rua, presidia a comissão diretora, formada pelos inspetores, que conduzia os trabalhos. Estavam presentes também Cooperadores do Brasil, do Chile e da Bolívia. O advogado Emílio Lamarca, falando de Dom Bosco, usou estas expressões: “A vida de Dom Bosco impressiona como prática do Evangelho, e a sua obra como página dos Atos dos Apóstolos; ele está retratado na carta aos Coríntios, pois era paciente e benigno”. Depois dele, o inspetor, Pe. José Vespignani, em seu discurso apontou os dois segredos da cooperação salesiana: a piedade

e a caridade. Os temas mais empenhadores referiam-se à educação da juventude operária, à utilidade das escolas profissionais e agrícolas, às missões, aos imigrantes e à imprensa.

O terceiro congresso internacional haveria de coincidir com a coroação da imagem de Maria Auxiliadora em Turim em 1903. Foi presidido pelo Cardeal Agostinho Richelmy, Arcebispo de Turim, presidente de honra, e pelo Pe. Rua, presidente efetivo. O Pe. Albera apresentou uma relação entusiasta da visita à América. Foi convidado a falar João Grosoli, presidente da Obra dos Congressos e dos Comitês Católicos da Itália, que tratou do retorno da fé nas famílias e da restauração cristã da sociedade com base nas forças populares. O congresso se encerrou com uma série de deliberações e votos, quase como interpretação prática do Regulamento dos Cooperadores. A solene coroação de Maria Auxiliadora ocorreu no dia 17 de maio, último dia do congresso.

Houve ainda um quarto e um quinto congresso em 1906, o primeiro em Lima, o segundo em Milão. O de Lima, mais modesto, por ocasião do aniversário do Bispo São Turíbio de Mongrovejo, foi enriquecido mediante uma exposição organizada pelas casas salesianas do Peru e da Bolívia, com a apresentação de diversos trabalhos,

produtos, amostras das escolas de agricultura, textos e programas escolares compostos pelos Salesianos. A obra de Dom Bosco foi apresentada como uma obra de previsão, verdadeira conveniência social, patriotismo, popular e democrática. Os Cooperadores foram encorajados a se prodigarem em favor da educação da juventude e a sustentar generosamente os Salesianos na sua ação. No último dia foi posta a primeira pedra de uma grande igreja em honra de Maria Auxiliadora.

O outro congresso de Milão, contemporâneo da Exposição Internacional, abriu-se com a bênção da nave central da grande igreja dedicada a Santo Agostinho. Na cidade do trabalho foi proclamada a benemerência das escolas profissionais salesianas. Entre os temas principais é obrigatório recordar pelo menos o da assistência aos emigrantes, das sociedades católicas esportivas e dos comitês femininos de ação salesiana.

Houve ainda um congresso em Santiago do Chile em 1909, em homenagem ao jubileu de ordenação do Pe. Rua. Quatro comissões de estudo puseram-se ao trabalho em quatro cidades distintas: Santiago, Concepción, Valparaíso e Talca. O congresso serviu para dar um impulso à obra dos Cooperadores naquele país.

A Primeira Guerra Mundial e o pós-guerra

Depois do Pe. Rua, o reitorado do Pe. Albera coincidiu com um tempo de perturbações pouco favoráveis a esse tipo de organização. As reuniões previstas para o centenário do nascimento de Dom Bosco não puderam ser realizadas, pois a Europa estava em chamas. Entretanto, importantes reuniões ocorreram na América do Sul, entre as quais um sétimo congresso internacional em São Paulo, em 1915, por ocasião do centenário do nascimento de Dom Bosco e da instituição da festa de Maria Auxiliadora. Foi celebrado de 28 a 31 de outubro no Liceu Salesiano e no santuário Coração de Jesus. Decidiu-se a ereção de um novo instituto intitulado a Dom Bosco e de uma igreja paroquial dedicada a Maria Auxiliadora em São Paulo.

A partir de 1915 foi publicada no *Boletim Salesiano* uma série de artigos que queria corrigir alguns erros relativos à finalidade da União, pois, como afirmava o artigo introdutório, era preciso reconhecer “francamente” que muitos não estavam devidamente informados. Recordavam-se verdades antigas, quando se declarou que os Cooperadores não são somente o apoio natural das obras salesianas. O Pe. Rinaldi fez então reflorescer a prática do retiro mensal – supondo-se que no passado ela tivesse estado em vigor... – e insistiu sobre a ação pessoal do Cooperador no seu ambiente.

Após a Primeira Guerra Mundial, retomaram-se as manifestações oficiais. Organizado e animado pelo Pe. Rinaldi, um grande congresso dos Cooperadores foi realizado em Turim em 1920, contemporaneamente ao dos Ex-alunos e das Ex-alunas, que culminou com a inauguração do monumento a Dom Bosco, erigido diante do santuário de Maria Auxiliadora. Foi um sinal de retomada após a tempestade da guerra e um testemunho de autêntica amizade fraterna entre pessoas provenientes de países antes inimigos. Fruto do congresso foi uma série de *normas diretivas*, que constituem quase um novo regulamento dos Cooperadores. Do ponto de vista da organização foi um passo adiante, por causa da instituição de um escritório central, de diretores nacionais e de comitês de ação salesiana. A última assembleia geral reuniu nada menos do que três mil pessoas.

O tempo do reitorado do Pe. Rinaldi foi considerado como a idade de ouro dos Cooperadores. Sendo-lhe desde sempre muito tempo familiar o problema e conhecendo bem o pensamento de Dom Bosco, o novo Reitor-Mor manifestava grande interesse a seu respeito. Manteve contatos pessoais com muitos dirigentes. Numa época em que as missões estavam na ordem do dia na Igreja, acentuou de modo particular a cooperação missionária, em harmonia com as diretrizes de Pio XI. Por ocasião da celebração do cinquentenário das missões salesianas, os Cooperadores

organizaram congressos e reuniões de todo tipo a fim de exaltar e sustentar o apostolado das missões.

Houve um congresso internacional novamente em Buenos Aires em 1924, sob a presidência do Pe. Vespignani. Favorecido por numerosíssimas adesões, este grande encontro foi alargado mediante assembleias regionais que ocorreram em Tucumán, Córdoba, Rosário, Mendoza, La Plata, Santa Rosa e outras cidades da Argentina. Espetacular foi o desfile de doze mil alunos provenientes de todas as casas salesianas da nação. Entre os temas novos notava-se o da ação social e da função da mulher. Fruto do congresso foi a criação, na capital, de um novo instituto salesiano para órfãos.

O congresso de Turim de 1926, que coincidia também com o cinquentenário da Pia União, reuniu 1.500 participantes, entre os quais numerosas delegações internacionais. O tema dominante foi o das missões, ilustrado também por uma grande exposição missionária salesiana. Presidente do comitê executivo do congresso foi o Conde Rebaudengo, que financiou a ereção de um instituto missionário destinado à formação de mestres de artes para as missões.

Incansável, o Pe. Rinaldi se despendia em multiplicar o número dos associados. Uma estatística da época nos informa que, em menos de dois anos, tinha sido possível reunir em encontros diversos cerca de 300 diretores

diocesanos e mais de 4.500 decuriões. O Pe. Rinaldi não duvidava em escrever a um inspetor da América: “Estou contente em ver que trabalhais para dar vida à cooperação salesiana. Os Cooperadores são a terceira obra de Dom Bosco e devemos fazê-la prosperar por toda parte. Dom Bosco dizia que Cooperador é sinônimo de bom cristão. Portanto, que todos os bons cristãos do mundo se tornem Cooperadores”. Também aos Ex-alunos, no início de 1927, dava como palavra de ordem a de “difundir a ideia da cooperação salesiana”. Por seu desejo, o *Boletim Salesiano* desenvolveu uma intensa campanha neste sentido.

Em 1930 celebrou-se em Bogotá o décimo primeiro congresso internacional, um ano após a beatificação de Dom Bosco. Ao acontecimento tinham-se associado as casas salesianas de Ibagué, Agua de Dios, Medellín, Tunja, Mosquera, Contratación e Barranquilla. Seu objetivo era o de incrementar os Cooperadores nos diversos Estados da América do Sul. O Cardeal Gasparri escrevia em nome do Papa: “Um congresso internacional de Cooperadores Salesianos é sempre um acontecimento de primeira ordem, não somente no campo da ação salesiana, mas também católica, enquanto tem como objetivo especialmente o apostolado da juventude, a boa imprensa para as escolas e o povo, as missões”. O congresso de Bogotá foi o último da série; passarão vinte e dois anos antes que se organize outro encontro de ordem internacional.

Antes e depois da Segunda Guerra

Durante os primeiros anos do Pe. Ricaldone, a Associação continuou a prosperar, multiplicaram-se os Cooperadores e os benfeitores, sobretudo após a canonização de Dom Bosco em 1934. Em 1938, por exemplo, na Polônia, vinte mil deles foram ao santuário de Nossa Senhora de Czestochowa em peregrinação. No mesmo ano, por ocasião do cinquentenário da chegada dos Salesianos à Inglaterra, as celebrações se encerraram com a inauguração de uma igreja dedicada a São João Bosco, em Shrigley.

A Segunda Guerra Mundial impediu as grandes reuniões. Em 1941, não foi possível celebrar, como se pretendia, o centenário do nascimento da Obra Salesiana. Os tempos eram sombrios e outras preocupações ocupavam o Pe. Ricaldone. Some-se a isto a morte do Pe. Trione, ocorrida em 1935. A “cooperação salesiana” sofreu em toda parte. Todavia, houve também alguns encontros significativos, como o de Haia, na Holanda, em 1940, e o de Calcutá, Índia, no mesmo ano.

Depois dos anos de confusão geral, o despertar ocorreu em 1947, favorecido pelo primeiro Capítulo Geral do pós-guerra. Nessa ocasião, o Pe. Ricaldone quis que houvesse um conselheiro suplementar no Capítulo Superior que se encarregasse da direção geral da União. Em

1950 ele retomava um projeto do Pe. Rua, pedindo a cada inspetor que nomeasse um delegado inspetorial para os Cooperadores e delegados locais em cada casa. Em 1950 nomeava um novo secretário-geral, o Pe. Guido Favini, ao qual transmitiu esta palavra de ordem: “Tu deves fazer o que fazia o Pe. Trione”.

Recebido em audiência por Pio XII no dia 23 de junho de 1951, o Pe. Favini despertou o interesse do Papa pela “ordem terceira salesiana” e se pôs imediatamente ao trabalho para a preparação de um grande congresso, por ocasião do 75º aniversário da fundação. O “encontro solene” de Roma, de 11 a 13 de setembro de 1952, marcou a retomada dos grandes encontros internacionais e foi honrado por um esperado discurso de Pio XII em Castelgandolfo. Os Cooperadores eram definidos pelo Papa como auxiliares sumamente eficazes da Ação Católica. O Papa lembrava que, se a Associação dos Cooperadores estava “enxertada no prolífico tronco da Família religiosa de São João Bosco”, sua finalidade imediata era a de estar à disposição da hierarquia. Piedade e fervor do apostolado deviam caracterizar o Cooperador. Por tal título, a Igreja esperava muito deste “novo e providencial movimento do laicato católico”.

Em 1953, o novo Reitor-Mor Pe. Ziggotti nomeou para a direção geral dos Cooperados o Pe. Luís Ricceri,

até aquele momento inspetor da inspetoria lombarda. Fez publicar nos *Atos do Capítulo Superior* de setembro-outubro de 1955 um texto de orientação, que era ao mesmo tempo um apelo a todos os Salesianos em favor da União dos Cooperadores. Num importante documento de 1955, o Pe. Ziggiotti afirmava que “a missão própria dos Cooperadores é o apostolado segundo o espírito salesiano” e recordava a definição dada por Pio XI a respeito do movimento: “notável primeiro esboço da Ação Católica”. De fato, eram chamados a “participar de forma plena do apostolado dos leigos”. O Pe. Ricceri, de sua parte, promoveu encontros anuais com os dirigentes, para os quais criou um *Boletim* especial (publicado a cada quinze dias do mês), providenciou um manual adaptado e reorganizou o Escritório Central dos Cooperadores. O Pe. Ceria ficou encarregado de compor para eles um manual de piedade.

Entre as grandes manifestações daquele período pré-conciliar, citamos as peregrinações de Lourdes em 1958, a de Munique, na Alemanha, em 1960, e a de Roma-Pompeia em 1962. Retornaram também os congressos internacionais, em Bruxelas por ocasião da Exposição de 1958, em Roma em 1959, em Madri em 1960, em Barcelona em 1961. A orientação apostólica e eclesial do movimento aparecia sempre mais explicitamente nas diversas intervenções. No limiar do Concílio Vaticano II, os Cooperadores eram convidados a “viver a Igreja”.

A resposta dos Cooperadores

A resposta dos Cooperadores pode ser entrevista na expansão da obra salesiana pelo mundo, que caracterizou o período que vai de 1888 a 1965. Pode-se afirmar com toda certeza que, sem a ajuda material e moral dos Cooperadores e Benfeitores, grandes e humildes, bem pouco teria sido feito. Basta lembrar a figura exemplar de Doroteia de Chopitea em Barcelona.

Embora a beneficência em favor das obras salesianas não seja um critério absoluto, os dons e as ofertas eram já por si sinais de uma participação responsável na missão salesiana; havia, porém, também outras formas de cooperação. A vida de uma Cooperadora portuguesa, Alexandrina Maria da Costa, falecida em 1955, é extraordinária pelo seu apostolado de oração e de sofrimento, em comunhão espiritual com os noviços salesianos.

Sob o aspecto quantitativo, em 1962, o Pe. Favini podia calcular em torno de mil os centros de Cooperadores que gravitavam em torno das casas salesianas. Por outro lado, a difusão do *Boletim Salesiano*, órgão dos Cooperadores, representava também um critério externo não desprezível. Depois da morte de Dom Bosco, as edições se tinham multiplicado. Às edições italiana, francesa e espanhola, o reitorado do Pe. Rua acrescentou a inglesa (1892),

a alemã (1895), a polonesa (1897), a portuguesa (1901), a húngara (1903) e a eslovena (1907). A impressão e expedição eram feitas nas escolas profissionais do Oratório, até que o multiplicado número de cópias aconselhou, para tal fim, a criação de uma Sociedade por ações, a “Sociedade Internacional para a difusão da boa imprensa”, instituída em Turim em 1908, com sucursais em Nice, Barcelona, Liège, Londres e Viena. Novas edições surgiram depois de 1910. Uma estatística de 1964 enumerava trinta edições oficiais. Entre as últimas em ordem de tempo, citamos as edições indiana (Madras), tailandesa, chinesa (Hong Kong), lituana, maltesa, birmana e peruana. Enquanto o Pe. Rua anunciava que 300.000 pessoas recebiam o *Boletim Salesiano*, em 1964, somando o total das edições, não se estava muito longe de um milhão.

A partir da segunda metade do século XX, e graças ao seu movimento que se consolidou na Igreja, os Cooperadores Salesianos aprofundavam sempre mais as exigências apostólicas da sua Associação. Em 1951 e em 1957 foram também convidados a enviar uma delegação aos congressos mundiais do apostolado dos leigos. Um novo impulso virá do Concílio Vaticano II e dos seus ensinamentos a respeito da identidade e da missão dos leigos na Igreja.

5. A palavra de Dom Bosco

Paolo Santoni SC

Os textos que agora apresentamos são quase todos extraídos das reflexões de Dom Bosco aos Cooperadores por ocasião das Conferências anuais (reuniões). Trata-se de pequena antologia que nos restituí, de modo imediato e direto, a palavra do Fundador e as linhas de projeção que acompanham o nascimento e o desenvolvimento da Associação. Devem ser ouvidas e meditadas como uma herança preciosa entregue aos Cooperadores para a própria santificação, a salvação dos jovens, o bem da Igreja.

1. O primeiro documento é extraído do primeiro número do Boletim Salesiano, publicado em agosto de 1877. Trata-se de uma descrição sintética e eficaz da identidade e da missão apostólica da Associação.

Dizem-se Cooperadores as pessoas que desejam ocupar-se com obras de caridade, não em geral, mas especificamente, de acordo com o espírito da Congregação de São Francisco de Sales. Um Cooperador, por si, pode fazer o

bem, mas o fruto será limitado e, além do mais, durará pouco. Pelo contrário, unido a outros, encontra apoio, conselho, coragem, e muitas vezes com pouca fadiga consegue muito mais porque as forças, embora fracas, se unidas, tornam-se fortes. Daí o ditado de que a união faz a força... Por isso, os nossos Cooperadores, de acordo com o escopo da Congregação Salesiana, se empenharão, segundo as próprias forças, em recolher meninos periclitantes e abandonados pelas ruas e praças; encaminhá-los ao catecismo, entretê-los nos dias festivos e colocá-los junto a algum patrão honesto, orientá-los, aconselhá-los, ajudá-los quanto possível para que se tornem bons cristãos e honestos cidadãos. As normas a seguir nas obras que para tal fim se proporão aos Cooperadores serão matéria do *Boletim Salesiano*.

2. Do ano seguinte é a publicação dos documentos do primeiro Capítulo Geral, celebrado em Lanzo naquele mesmo ano. Antes de elencar as condições de pertença, entre as quais a idade mínima de 16 anos, os atos apresentam outra descrição sintética da identidade do Cooperador.

Os Cooperadores e as Cooperadoras Salesianos não são senão bons cristãos, que, vivendo na própria família, mantêm no mundo o espírito da Congregação de São Francisco de Sales, e a ajudam mediante meios morais e

materiais, com a finalidade de favorecer especialmente a educação cristã da juventude. Eles formam como que uma “ordem terceira”, e se propõem o exercício de obras de caridade para com o próximo, particularmente para com a juventude periclitante.

3. Mediante uma carta de 25 de janeiro de 1878, Dom Bosco convoca a primeira “conferência” (reunião) dos Cooperadores de Roma. “Com a autorização e a presença de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal Mônaco de la Valletta, Vigário de Sua Santidade – escreve Dom Bosco – haverá a primeira Conferência dos Cooperadores Salesianos, conforme consta do capítulo VI, artigo 4º do Regulamento”. Narrada a história dos Cooperadores desde os inícios até aqueles dias, Dom Bosco, durante a sua reflexão, exorta calorosamente a todos para que ajudem os Salesianos na obra da salvação da juventude periclitante.

Ilustres Senhores, os protestantes, os incrédulos, os sectários de todo tipo, nada deixam de tentar para desgraça da juventude incauta e, como lobos esfaimados, giram por aí massacrando as ovelhas de Cristo. Impressos, fotografias, escolas, asilos, colégios, subsídios, promessas, ameaças, calúnias, tudo põem em ação a fim de perverter as tenras almas, arrancá-las ao seio materno da Igreja, aliciá-las,

atraí-las a si e atirá-las nos braços de Satanás. E o que mais dói é que mestres, instituidores e até mesmo certos pais ajudam essa obra de desolação. Ora, diante deste doloroso espetáculo, nós ficaremos indiferentes e frios? Que jamais isso ocorra, caros ouvintes; que jamais aconteça que sejam mais eficientes e mais animados em fazer o mal os filhos das trevas, do que os filhos da luz em fazer o bem. Cada um de nós torne-se um guia, mestre, salvador de meninos. Às artes enganosas da malignidade oponhamos as indústrias amorosas da nossa caridade: imprensa a imprensa, escolas a escolas, colégios a colégios; cuidemos atentamente das crianças das nossas famílias, paróquias e institutos; e dado que uma turba imensa de meninos e meninas pobres se encontra por toda parte exposta aos maiores perigos de perversão, ou por incúria dos pais ou por extrema miséria, nós, segundo as nossas forças e a nossa posição, sejamos para eles pais e tutores, pondo-os em lugar seguro e ao reparo das ilusões do vício e dos atentados escandalosos. Para estimular-nos e animar-nos sempre mais a praticar uma obra tão bela lembremo-nos frequentemente dos cuidados e das atitudes bondosas prodigadas pelo Filho de Deus aos pequenos durante sua vida mortal; recordemos também o elevado prêmio que Ele prometeu a quem, mediante o exemplo, a palavra e as obras, fizer o bem a um menino. Ele nos assegurou o cêntuplo nesta vida e uma coroa eterna na outra (MB XIII, 617-618).

4. *As quatro passagens que seguem – nn. 4, 5, 6 e 7 – são extraídas de uma longa conferência feita aos Cooperadores de Turim no dia 16 de maio de 1878 (cf. MB XIII, 623-630). Na carta de convocação, Dom Bosco escreve: “Segundo as prescrições do nosso Regulamento (cap. VI, art. 4º), todos os anos devem-se fazer duas Conferências, onde o número de Cooperadores puder comportar. Pelo vivo desejo de que a primeira Conferência que se realiza em Turim ocorra sob os auspícios de Maria Auxiliadora, escolheu-se o dia 16 deste mês, que é o segundo da novena em preparação à festa da Santa Virgem Maria Auxilium Christianorum, que será celebrada no dia 24 com especial solenidade. Por isso, peço a todos os Cooperadores e Cooperadoras que façam todo o possível para participar”.*

Beneméritos Cooperadores e Cooperadoras, não sei se antes eu devo agradecer-vos ou convidar-vos a, juntos, agradecermos a Deus por nos ter reunido num corpo compacto e postos na situação de fazer um grande bem, e de nesta noite nos ter reunido aqui para fazer a primeira conferência para os Cooperadores Salesianos em Turim.

Antes de tudo, porém, desejo contar-vos um pouco de história, que nos fará conhecer o que já fizeram em Turim os Cooperadores Salesianos e qual é sua tarefa neste momento. Ouvi.

Trinta e cinco anos atrás, a área que hoje é ocupada por esta igreja servia como lugar de encontro de muitos jovens extraviados, que travavam verdadeiras batalhas, se envolviam em rixas, blasfemavam. Aqui perto havia duas casas nas quais se ofendia a Deus: uma era um bar de bebedores e de todo tipo de gente desordeira; a outra, ali, onde agora está o púlpito e indo para a minha esquerda, era uma casa de maus costumes e de imoralidades. Então chegou aqui um padre muito pobre e alugou a preço altíssimo dois aposentos dessa casa. Aquele padre estava acompanhado de sua mãe. O que tinham em mente era ver a maneira de fazer um pouco de bem às pessoas pobres da vizinhança. Todo o seu patrimônio consistia numa cesta enfiada no braço onde havia vários objetos. Pois bem, esse padre viu os jovens que se reuniam aqui para malandragens, ele pôde aproximar-se deles; Deus, por sua vez, fez com que a sua palavra fosse ouvida e compreendida.

5. A obra dos oratórios se expande também fora de Turim e no Piemonte, graças aos meios materiais e espirituais postos à disposição pelos cooperadores...

As necessidades sentidas em Turim começaram a ser sentidas também em outras cidades e localidades, e continuando sempre com a ajuda dos Cooperadores, foi possível estabelecer normas e também ir para fora de Turim.

Era preciso que fosse suprida pelos Cooperadores a grande falta de clero que todos os dias se faz sentir em todo o Piemonte e em outras partes. Como fazer? A religião católica não repara o lugar, a cidade, a localidade; ela é universal e quer que o bem seja feito por toda parte, e onde a necessidade for maior, ali a religião exige que maiores sejam os esforços. Assim, de repente foi aberta uma casa em Mirabello, depois outras em Lanzo, depois outras e mais outras. Atualmente são mais de cem entre igrejas e casas abertas em favor de 25 mil jovens internos e externos que recebem instrução religiosa nas nossas casas. Quem fez tudo isso? Um padre? Não! Dois, dez, cinquenta? Também não; não poderiam ter feito tanta coisa. Foram os muitos Cooperadores e Cooperadoras que em toda parte, em cada localidade e em cada cidade se uniram para ajudar esses poucos padres. Sim, são eles, não, porém, somente eles. É preciso, sim, é preciso reconhecer a mão de Deus, que do nada fez surgir tantas obras.

Sim, é a divina Providência que enviou tantos meios para poder salvar tantas almas. Se não tivesse sido o próprio Deus a querê-lo, eu julgaria impossível que alguém tivesse podido fazer tanto. Mas a necessidade era real e grande, e Deus, para as grandes necessidades, manda os auxílios. Estas necessidades crescem e são sentidas a cada dia. Deus por acaso nos abandonará?

6. Uma tarefa importante aguarda os Cooperadores, a de dar continuidade à obra que se iniciou.

Então, agora, eis qual deve ser mais diretamente o escopo dos Cooperadores Salesianos; eis em quê devem se ocupar. É preciso continuar as obras começadas, das quais vos falei; aliás, essas obras precisam ser multiplicadas. Por isso, precisamos de pessoas e de meios. Nós sacrificamos as nossas pessoas; Deus, todos os dias, nos manda pessoal pronto para qualquer sacrifício, também para dar a vida pela salvação das almas. Mas as pessoas não bastam; precisamos dos meios. A vós cabe, beneméritos Cooperadores, procurar os meios. Eu vos encarrego dos meios materiais; fazei de tal modo que não venham a faltar. Notai bem como é grande a graça de Deus que põe em vossas mãos os meios para cooperar para a salvação de muitas almas. Já vimos que, com nossa ação até agora apresentada, da cooperação dos bons resulta a salvação das almas.

7. Encaminhando-se para a conclusão da longa conferência, Dom Bosco exprime uma das exortações mais conhecidas e eficazes, verdadeira herança espiritual para a família apostólica que dele se originou.

Quereis fazer uma coisa boa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santa? Educai a juventude. Que-

reis fazer uma coisa santíssima? Educai a juventude. Que-
reis fazer uma coisa divina? Educai a juventude. Aliás, esta
é divina entre as diviníssimas. Os Santos Padres estão de
acordo em repetir o dito de São Dionísio: *Divinorum divi-
nissimum est cooperari Deo in salutem animarum*. E ex-
plicando esta passagem com Santo Agostinho, diz-se que
esta obra divina é um penhor absoluto da própria predes-
tinação: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti*.
Portanto, vós, concorrendo para fazer estes grandes bens
de que falamos, podereis estar seguros de salvar a vossa
alma. Por isso, eu deixo de vos fazer agradecimentos. Só
quero que saibais que na igreja de Maria Auxiliadora, de
manhã e de noite, e posso dizer durante todo o dia, re-
za-se de modo especial por vós, a fim de que Deus vos
agradaça por meio daquelas palavras que vos dirá no dia
decisivo o Juiz: *Euge, serve bone et fidelis...* Vós fazeis
sacrifícios, mas tende em mente que Jesus Cristo fez de si
um sacrifício bem maior e jamais nos aproximaremos do
sacrifício que ele fez por nós. Alegremo-nos! Os que se
esforçam por imitá-lo, que fazem tudo o que podem para
salvar almas, estejam tranquilos quanto ao seu destino na
eternidade.

8. Dom Bosco narra as origens da Pia União. Esta pas-
sagem e as sucessivas – nn. 8, 9 e 10 – são extraídas da
primeira conferência aos Cooperadores de San Benigno

Canavese, feita no dia 4 de junho de 1880. Este longo discurso de Dom Bosco pode ser lido nas Memórias Biográficas XIV, 540-547.

Desde 1841, quando este pobre padre começou a reunir rapazes nos dias de festa, tirando-os das ruas e das praças a fim de entretê-los com divertimentos honestos e instruí-los na nossa santa religião, ele sentiu a necessidade de Cooperadores que lhe dessem uma mão. Assim, desde então, muitos sacerdotes e leigos da cidade e depois piedosas senhoras, aceito o meu convite, juntaram-se a ele para ajudá-lo; algumas pessoas levavam-lhe meninos, outras os assistiam e catequizavam; as mulheres e as comunidades religiosas ajudaram-no ao lavar e remendar roupas, a providenciá-las para os mais necessitados e abandonados. Com a ajuda de Deus e a caridade destas pessoas bondosas, o que pôde fazer esse sacerdote e o que fazem atualmente os Salesianos, vós já sabeis pela leitura do *Boletim Salesiano*, e não é necessário repeti-lo aqui.

Visto o bem que tantas pessoas juntas, unidas, faziam em favor da juventude pobre, pensou-se então em instituir uma Associação formal sob o título de *Pia União dos Cooperadores Salesianos* e fazê-la aprovar pelo Vigário de Jesus Cristo. Muitos Bispos, depois de reconhecê-la na própria diocese, recomendaram-na à Santa Sé. Entre

os que mais calorosamente a promoveram tenho o prazer de citar Sua Excelência Reverendíssima D. Pedro Maria Ferrè, nosso muito venerado Pastor. O Santo Padre Pio IX, de santa memória, examinou o projeto e o aprovou; aliás, desejando que a Pia União tivesse ainda maior incremento, abriu os tesouros das santas indulgências. Desde o ano dessa aprovação em 1876 até hoje, os Cooperadores e as Cooperadoras cresceram até o número de trinta mil, e aumentam a cada dia, à medida que a pia Associação vai sendo conhecida pelos fiéis.

9. Quais são as condições para pertencer à Pia União? Dom Bosco, na mesma conferência, esclarece as relações que ligam a Associação à Sociedade de São Francisco de Sales, e o vasto campo de apostolado que é oferecido aos Cooperadores.

O que se deve fazer para pertencer a ela: Antes de tudo, ser inscritos pelo Superior da Congregação Salesiana ou por pessoa delegada por ele, e não ter sido excluído em seguida. Geralmente, a agregação é feita mediante o envio do diploma unido ao regulamento. Além disso, é preciso praticar obras de caridade, segundo o espírito e a finalidade da Pia União.

Aqui, alguém pode perguntar: – É preciso talvez praticar todas e cada uma das obras de caridade indicadas pelo

Regulamento? – Não, não é necessário; nem mesmo é necessário praticar uma ou mais obras em tempo determinado; mas é necessário e suficiente praticar alguma, quando se apresentar a ocasião. Eu disse que é necessário praticar alguma. A finalidade da Pia União é a de dar à Congregação Salesiana auxiliares que assumam particularmente um cuidado especial da juventude. Portanto, todos percebem que os Cooperadores e as Cooperadoras devem interessar-se em executar alguma obra de caridade que vise a este nobre escopo; do contrário, anula-se a pia intenção da Igreja que abriu esses tesouros em seu favor. Houve um tempo em que bastava unir-se aos outros na oração; mas hoje, com tantos meios de perversão que se difundem, particularmente para desgraça da juventude de ambos os sexos, é preciso unir-se no campo da ação e do agir.

Depois acrescentei que para ser bom Cooperador e boa Cooperadora basta praticar alguma obra de caridade quando se apresentar a ocasião. Fazer isso não deve ser difícil para um bom cristão, para uma boa cristã. Quantas belas oportunidades se apresentam! Pode-se dar um bom conselho a um menino ou a uma menina a fim de orientá-los para a virtude ou afastá-los do vício; pode-se sugerir algum meio oportuno aos pais a fim de que eduquem cristãmente os seus filhos, encaminhem-nos à igreja, e devendo colocá-los a estudar ou a trabalhar, escolham bons

colégios, mestres virtuosos, patrões honestos; pode-se trabalhar para dispor de bons mestres nas escolas; pode-se prestar ajuda em dar o catecismo na paróquia; pode-se dar de presente, emprestar, difundir um bom livro, um jornal católico ou subtrair um que não presta; pode-se ajudar a fazer um trabalho, providenciar uma roupa, procurar uma colocação, pagar uma pensão a fim de retirar um jovem ou uma menina pobre ou abandonada de um lugar inconveniente; pode-se economizar uma despesa, pôr de lado uma moeda para dar de esmola, promover uma obra que se sabe redundar para a glória de Deus, a honra da Igreja, o bem das almas; pode-se pelo menos exortar outros a fazê-lo. Ocasões para fazer o bem ou impedir o mal não faltam nunca. Não nos falte a boa vontade, a coragem, o amor de Deus e do próximo; e nós, quase sem dar-nos conta, como pais e mães, mestres, sacerdotes e leigos, ricos ou pobres, seremos verdadeiramente Cooperadores e Cooperadoras, impediremos grandes males e faremos um grande bem.

10. Um último fragmento, extraído da longa conferência aos Cooperadores de San Benigno, representa uma exortação para contribuir, da maneira que se pode, também na realização material de obras em favor da juventude, cada qual segundo as próprias possibilidades. A imagem evocada é a da viúva do Evangelho...

Alguém poderia dizer: – Enquanto se tratar de fazer o bem mediante a palavra, eu estou pronto; mas com meios materiais não posso porque sou pobre. – Quem é pobre, faça como pobre. Mas por mais pobre que alguém seja, um Cooperador, se quiser, estará sempre na situação de concorrer também materialmente para uma obra de caridade. Era muito pobre aquela viúva de que fala o Evangelho, não tinha um tostão, duas moedas; entretanto, junto com os doadores ricos, também ela quis colaborar para o decoro do templo e acabou sendo elogiada por Jesus Cristo. Quanto ao mais, eu sei que existem tantos e tantas que alardeiam a própria miséria quando são convidados a fazer uma obra boa, a vestir um pobre órfão, a socorrer uma família indigente, a ornar uma igreja; mas quando se trata de conseguir para si uma roupa bonita, um vestido de luxo; quando se trata de um almoço, de uma partida, de uma viagem de lazer, de uma festa, de um baile, de fazer bela figura, nesse caso, não se trata mais de pobreza... Se o dinheiro não existe, dá-se um jeito para que apareça; encontra-se sempre um meio para fazer bela figura e inclusive para mostrar um luxo superior à própria condição.

CONCLUSÃO

Giuseppe Buccellato SDB

A finalidade que nós nos propusemos neste pequeno volume era a de reconstruir, em suas linhas essenciais, a história das relações entre Dom Bosco e alguns colaboradores leigos, sua ideia e sua praxe no envolvimento apostólico do laicato, os diversos projetos associativos após a rejeição por parte do Vaticano do capítulo sobre os *membros externos* da Sociedade de São Francisco de Sales, por fim, as origens e o primeiro desenvolvimento da *Pia União dos Cooperadores Salesianos*.

No final da circular impressa anexa ao documento conhecido como *Testamento Espiritual*, Dom Bosco escreve: “Adeus, meus caros Benfeitores, Cooperadores Salesianos e Cooperadoras, adeus! A muitos de vós eu não pude conhecer pessoalmente nesta vida, mas isso não tem importância; no outro mundo haveremos de nos conhecer e haveremos de alegrar-nos juntos por toda a eternidade pelo bem que, com a graça de Deus, pudemos fazer nesta terra, especialmente em favor da juventude pobre”.

A este movimento de leigos e eclesiásticos que dele teve origem, Dom Bosco indicou, desde os inícios, um

ideal de santidade que só pode ser compreendido a partir da missão apostólica, mas que tem suas raízes na caridade para com Deus. “O escopo desta Congregação – ele escreve nas Constituições de 1860 – é o de reunir os seus membros eclesiásticos, clérigos e também leigos a fim de aperfeiçoar a si mesmos, imitando, na medida do possível, as virtudes do Divino Salvador”. Coerentemente, ainda escreverá no Regulamento de 1876: “Escopo fundamental dos Cooperadores Salesianos é de fazer o bem a si mesmo, graças a um teor de vida, quanto possível, semelhante ao que se vive na vida comum”.

A convicção do chamado universal à santidade, que Dom Bosco aprendeu graças aos ensinamentos do Pe. Cafasso e sob a segura perspectiva da teologia de Santo Afonso, é encarnada numa praxe que podemos considerar profética, à luz das conclusões da Constituição sobre a Igreja do Concílio Vaticano II.

Podemos pensar também que, à luz do novo Código de Direito Canônico, Dom Bosco, hoje, teria conferido uma identidade jurídica diversa a esta única Sociedade composta de leigos e de eclesiásticos; não podemos saber com certeza, mas nestes tempos não fáceis, semelhante hipótese poderia estimular o caminho de renovação da Família Salesiana, em particular dos Salesianos de Dom Bosco e das Filhas de Maria Auxiliadora.

Em todo caso, o estudo das *fontes* restitui-nos não somente os conteúdos de uma ideia teológica, mas o testemunho de uma praxe coerente e eficaz, que envolvia, com tarefas diversas e complementares, leigos e consagrados numa única missão.

Esta preciosa herança, esta extraordinária *profecia*, é entregue ainda hoje a todo o movimento espiritual que se originou de Dom Bosco.

Apêndice: O Regulamento de 1876

*Cooperadores Salesianos,
ou seja, um modo prático para ajudar os bons costumes e
a sociedade civil.*

I. União cristã para fazer o bem

Em todos os tempos, sempre se considerou necessária a união entre os bons para se ajudarem mutuamente a fazer o bem e a manter longe o mal. Assim faziam os cristãos da Igreja primitiva, que à vista dos perigos que todos os dias se lhes deparavam pela frente, sem nunca desanimar, unidos com um só coração e uma só alma, se animavam uns aos outros para ficarem firmes na fé e prontos para superar os incessantes ataques com que eram ameaçados. Esta era também a advertência que nos foi dada pelo Senhor quando disse: as forças frágeis, quando se unem, tornam-se fortes, e se uma cordinha, sozinha, se rompe com facilidade, é bem mais difícil romper três juntas: *Vis unita fortior, funiculus triplex difficile rumpitur*. Assim costumam fazer também os homens do mundo em seus negócios temporais.

Por acaso, os filhos da luz deveriam ser menos prudentes do que os filhos das trevas? Não, certamente. Nós cristãos devemos unir-nos nestes tempos difíceis e, de comum acordo, promover o espírito de oração e de caridade com todos os meios que a religião oferece a fim de eliminar ou pelo menos mitigar os males que a cada momento podem pôr a perder os bons costumes, sem os quais a sociedade civil inteira caminha para a ruína.

II. A Congregação Salesiana vínculo de união

Esta Congregação, tendo sido aprovada definitivamente pela Igreja, pode servir como vínculo seguro e estável para os Cooperadores Salesianos. De fato, ela tem como fim primordial trabalhar em favor da juventude, sobre a qual repousa o bom ou mau futuro da sociedade. Com esta proposta não pretendemos dizer que este seja o único meio para responder a esta necessidade, pois existem milhares deles; aliás, nós recomendamos vivamente que cada um se esforce com todos os meios que julgar oportunos para conseguir essa grande finalidade. De nossa parte, propomos um, que é a obra dos Cooperadores Salesianos, solicitando aos bons católicos que vivem no mundo a virem em ajuda dos sócios desta Congregação. Verdade é que os membros dela cresceram notavelmente, mas o seu número está ainda longe de poder correspon-

der aos pedidos diários que chegam de vários lugares da Itália e da Europa, da China, da Austrália, da América e particularmente da República Argentina. Em todos esses lugares surgem pedidos diários de ministros sagrados, a fim de cuidarem da juventude em situação de risco, abrir casas ou colégios, iniciar ou pelo menos manter missões; enfim, todos pedem a vinda de operários evangélicos.

III. Escopo dos Cooperadores Salesianos

Escopo fundamental dos Cooperadores Salesianos é de fazer o bem a si mesmo, graças a um teor de vida, na medida do possível, semelhante ao da vida comum. Por isso, muitos iriam de bom grado para um convento, mas quem por idade, quem por saúde ou condição social, muitíssimos por falta de oportunidades estão absolutamente impedidos. Estes, mesmo em meio às suas ocupações ordinárias, no seio das próprias famílias, podem fazer-se Cooperadores e viver como se de fato estivessem na Congregação. Razão pela qual esta Associação é considerada pelo sumo pontífice como uma Ordem Terceira dos antigos, com a diferença de que aqueles se propunham a perfeição cristã no exercício da piedade, ao passo que aqui se tem como objetivo participar da vida ativa no exercício da caridade para com o próximo, particularmente para com a juventude em situação de risco.

IV. Modos de cooperar

Aos Cooperadores Salesianos se propõe a mesma messe da Congregação de São Francisco de Sales, à qual entendem associar-se.

1. Promover novenas, tríduos, exercícios espirituais e catecismos, particularmente nos lugares onde faltam meios materiais e morais.

2. Como nos tempos atuais há grave penúria de vocações ao estado eclesiástico, os que tiverem possibilidades cuidarão especialmente dos jovens e também adultos que, dotados das necessárias qualidades morais e aptidões para o estudo, mostrarem indícios de serem chamados, ajudando-os com conselhos, encaminhando-os às escolas e colégios onde possam ser educados e orientados para tal finalidade. A Obra de Maria Auxiliadora tende precisamente a esta finalidade.

3. Opor a boa imprensa à imprensa irreligiosa, mediante a difusão de bons livros, folhas, folhetos impressos de qualquer tipo, nos lugares e nas famílias onde pareça ser prudente fazê-lo.

4. Finalmente, a caridade para com os rapazes em situação de risco, recolhê-los, instruí-los na fé, encaminhá-los às celebrações sagradas, aconselhá-los nos perigos, levá-los aonde possam ser instruídos na religião, tudo isto

faz parte da messe dos Cooperadores Salesianos. Quem não puder realizar este tipo de obras por si mesmo, poderia fazê-lo por meio de outros, como seria estimular um parente, um amigo a querer realizá-las. Pode-se cooperar com a oração ou com a doação de meios materiais onde forem necessários, segundo o exemplo dos primeiros fiéis, que levavam aos pés dos apóstolos seus bens, a fim de que os apóstolos os usassem em favor das viúvas, dos órfãos e para outras graves necessidades.

V. Constituição e governo da Associação

1. Quem tiver completado dezesseis anos pode tornar-se Cooperador, desde que tenha firme vontade de adequar-se às regras aqui propostas.

2. A Associação é humildemente recomendada à benevolência e proteção do sumo pontífice, dos bispos, dos párocos, em relação aos quais terá *absoluta* dependência em tudo o que se refere à religião.

3. O superior da Congregação Salesiana é também o superior desta Associação.

4. O diretor de cada casa da Congregação está autorizado a inscrever os associados, comunicando em seguida o nome, o sobrenome e a residência ao superior, que anotará tudo no registro comum.

5. Nos lugares e nas cidades onde não há nenhuma dessas casas e os associados chegam a dez, será estabelecido um chefe com o nome de decurião, que de preferência será um padre ou algum sacerdote exemplar. Este manterá contato com o superior ou com o diretor da casa mais próxima.

6. Cada cooperador pode expor ao superior o que julgar conveniente levar em consideração.

7. Cada três meses e até mais frequentemente, mediante um boletim ou folheto impresso, os sócios serão informados das coisas propostas, realizadas ou que se propõem realizar. No fim de cada ano os sócios serão informados a respeito das obras que no curso do ano seguinte parece conveniente iniciar, bem como a respeito dos sócios que no decurso do ano tiverem sido chamados à vida eterna, os quais serão recomendados às orações de todos.

8. No dia de São Francisco de Sales e na festa de Maria Auxiliadora cada decurião reunirá os membros da própria decúria para se animarem mutuamente na devoção para com estes protetores celestes, invocando o seu patrocínio, a fim de perseverarem nas obras começadas segundo a finalidade da Associação.

VI. Obrigações particulares

1. Os membros da Congregação Salesiana consideram todos os Cooperadores como irmãos em Jesus Cristo e a eles se dirigirão sempre que sua ação puder ser útil nos assuntos que são para a maior glória de Deus e o bem das almas. Precisando, com a mesma liberdade, os Cooperadores se dirigirão aos membros da Congregação Salesiana.

2. Portanto, cada sócio, com seus próprios meios materiais ou com doações recolhidas junto a pessoas caridosas, fará o que puder para promover e apoiar as obras da Associação.

3. Os Cooperadores não têm nenhuma obrigação pecuniária, mas farão mensalmente ou anualmente uma oferta que a caridade do seu coração sugerir. Essas ofertas sejam encaminhadas ao superior, para apoio das obras promovidas pela Associação.

4. Regularmente se fará uma coleta por ocasião das conferências na festa de Maria Auxiliadora e na de São Francisco de Sales. Nos lugares onde o número não puder constituir uma decúria e quando alguém não puder participar da conferência, fará chegar à destinação a própria oferta da maneira que para ele for mais fácil e mais segura.

VII. Benefícios

1. Sua Santidade o papa reinante Pio IX, com decreto de 30 de julho de 1875, concede aos promotores desta obra todos os favores, graças espirituais e indulgências de que podem gozar os religiosos salesianos, menos as que se referem à vida comum. De tudo isto se enviará, à parte, a cada um o elenco correspondente.

2. Participarão de todas as missas, orações, novenas, tríduos, exercícios espirituais, orações, catecismos e de todas as obras de caridade que os religiosos salesianos realizarão mediante o sagrado ministério, em qualquer lugar e em qualquer parte do mundo.

3. Participarão igualmente da missa e das orações que todos os dias são feitas na igreja de Maria Auxiliadora em Turim, a fim de invocar as bênçãos do céu sobre os seus benfeitores, suas famílias, especialmente sobre os que moral ou materialmente prestarem alguma ajuda à Congregação.

4. No dia seguinte à festa de São Francisco de Sales, todos os sacerdotes da Congregação e todos os sacerdotes Cooperadores celebrarão uma santa missa pelos irmãos defuntos. Os que não são sacerdotes procurarão fazer a santa comunhão e recitar a terceira parte do santo rosário.

5. Quando um coirmão ficar doente, avise-se imediatamente o superior, para que mande fazer orações especiais a Deus por ele. O mesmo se fará no caso de morte de algum Cooperador.

VIII. Práticas religiosas

1. Aos Cooperadores Salesianos não é prescrita nenhuma obra exterior, mas para que a sua vida de algum modo possa assemelhar-se à de quem vive em comunidade religiosa, a eles se recomenda a modéstia no vestir, a frugalidade à mesa, a simplicidade nos móveis de casa, a moderação nas conversas, a exatidão nos deveres do próprio estado, esforçando-se para que as pessoas que dependem deles observem e santifiquem os dias santos.

2. São aconselhados a fazer todos os anos pelo menos alguns dias de exercícios espirituais. No último dia de cada mês ou num dia que lhes for mais cômodo farão o exercício da boa morte, confessando-se e comungando como se fosse de fato o último dia de vida.

3. Cada um recitará todos os dias um *Pai-nosso* e uma *Ave-Maria* a São Francisco de Sales, segundo as intenções do sumo pontífice. Os sacerdotes e aqueles que recitam as horas canônicas ou o ofício da Bem-aventurada Virgem

estão dispensados desta oração. A eles basta que no divino ofício incluam alguma intenção com esta finalidade.

4. Procurem com a maior frequência possível receber os santos sacramentos da confissão e da comunhão.

Aviso

Embora se recomende calorosamente a observância destas regras por causa dos benefícios espirituais que elas proporcionam a cada um, a fim de eliminar qualquer ansiedade de consciência, declara-se que sua observância não obriga sob pena de pecado, nem mortal e nem venial, a não ser no que, em algum ponto, for mandado ou proibido pelos preceitos de Deus e da Santa Madre Igreja.

Bibliografia

BUCCELLATO G., *Laici con Don Bosco per la salvezza della gioventù*, in *Itinerarium* 21(2013) 55, 135-150.

CERIA E., *I cooperatori salesiani. Un po' di storia*. SEI, Turim 1952.

DESRAMAUT F., *La storia primitiva della Famiglia salesiana secondo tre esposti di don Bosco*, in F. DESRAMAUT - M. MIDALI (Eds.), *La Famiglia salesiana*, Colóquios sobre a vida salesiana 5 (Luxemburgo, 26-30 de agosto de 1973). Elledici, Turim-Leumann 1974, 17-45.

ID., *Da Associati alla Congregazione salesiana del 1873 a Cooperatori Salesiani del 1876*, in F. DESRAMAUT - M. MIDALI (Eds.), *Il Cooperatore nella società contemporanea*, Colóquios sobre a vida salesiana 6 (Friburgo, Suíça, 26-29 de agosto de 1974). Elledici, Turim-Leumann 1975, 25-55.

ID., *La fondazione della Famiglia salesiana (1841-1876)*, in M. MIDALI (Ed.), *Costruire insieme la Famiglia salesiana*. Atos do Simpósio de Roma (19-22 de fevereiro de 1982), *Spirito e vita* 11. LAS, Roma 1983, 75-102.

ID., *Don Bosco fondatore dei Cooperatori salesiani*, in DICASTERO PER LA FAMIGLIA SALESIANA, *Don Bosco Fondatore della Famiglia salesiana*. Roma 1989, 325-357.

FAVINI G., *Il cammino di una grande idea. I Cooperatori Salesiani*. Elledici, Turim-Leumann 1962.

LEMOYNE G.B. - AMADEI A. - CERIA E., *Memorie biografiche di S. Giovanni Bosco*, 19 vols. SEI, Turim 1898-1939.

STELLA P., *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I. PAS-Verlag, Zurique 1968, 209-227.

WIRTH M., *Da Don Bosco ai nostri giorni. Tra storia e nuove sfide*. LAS, Roma 2000.

Os Autores

GIUSEPPE BUCCELLATO nasceu em Palermo em 1953. Delegado dos Salesianos Cooperadores para a Itália, Malta e o Oriente Médio, é docente de Teologia Espiritual no Instituto Teológico de Catânia. Publicou diversos estudos e artigos sobre a espiritualidade de Dom Bosco, também traduzidos em outras línguas: entre eles, *Appunti per una storia spirituale del sacerdote Gio' Bosco* (Elledici 2008) [tradução brasileira: *Dom Bosco: notas para uma história espiritual de sua vida* (Salesiana, São Paulo 2009)] e *La spiritualità di Don Bosco* (Elledici, Turim-Leumann 2014).

PAOLO SANTONI nasceu em Roma em 1951. Casado, tem três filhos. Salesiano Cooperador desde 2 de dezembro de 1972, foi Secretário Coordenador Nacional e depois Coordenador Geral dos Salesianos Cooperadores. É membro do Grupo de Coordenação da Pastoral do Trabalho na Diocese de Roma e voluntário no Centro de Acolhida de Menores do Borgo Ragazzi Don Bosco de Roma.

MORAND WIRTH nasceu na Alsácia (França) em 1937. Docente emérito de Teologia Espiritual na Faculdade de Teologia da Universidade Salesiana Pontifícia de Roma, publicou pela editora LAS (Roma) *Da Don Bosco ai nostri giorni* (2000), *Francesco di Sales e l'educazione* (2006) e *La Bibbia con Don Bosco* (3 vols. 2009, 2011, 2012).